

# **Menos que nada**

roteiro de Carlos Gerbase,  
com a colaboração de  
Celso Gutfreind e Marcelo Backes

inspirado pelo conto "O diário de Redegonda",  
de Arthur Schnitzler e pelo ensaio "Delírios e sonhos na  
Gradiva de Jensen", de Sigmund Freud

Quarto tratamento  
v. 14 de janeiro de 2009

*Cartão - fundo preto; letras brancas:*

CORO

Vossa existência, frágeis mortais,  
é aos meus olhos menos que nada.  
Felicidade só conheceis imaginada  
"Édipo Rei" - Sófocles

*Créditos iniciais superpostos à cena 1*

### **CENA 1 PRAÇA - EXTERIOR - DIA**

Um **MENINO**, 10 anos, empurra uma **MENINA**, 10 anos, no balanço. A menina usa um chapeuzinho de pano amarelo na cabeça. Os dois estão se divertindo bastante. A menina sai do balanço e começa a correr. O menino corre atrás dela, tentando tocá-la. Os dois gritam, felizes. Uma **MULHER JOVEM**, 30 anos, sentada num banco da praça, com um livro no colo, observa a cena e sorri. A menina se esquiva, o menino se esforça, até que consegue tocá-la. Invertem-se os papéis: agora é a menina que "pega". Uma **MULHER MADURA**, 45 anos, surge na praça, e olha a movimentação das crianças. Parece preocupada. O menino tenta subir um pequeno barranco gramado, mas a menina o agarra. Os dois caem, sempre rindo. Acabam deitados e abraçados. A mulher madura observa-os. Não gosta do que vê. Dá as costas para a cena e abandona a praça. As crianças continuam brincando.

### **CENA 2 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO - INTERIOR DIA**

A mulher madura está sentada na cama, com o joelho entre os braços. Ouvimos o barulho de uma porta se abrindo e a voz de uma criança.

MENINO (OFF)  
Tchau!

Uma porta se fecha. A mulher olha na direção da porta do quarto.

MULHER  
(bem alto) Filho! Vem aqui.

O menino entra no quarto. A mulher olha para ele, com uma expressão fria, e bate com a mão na cama.

MULHER  
Senta.

O menino senta no local indicado.

MULHER

Eu te vi lá na praça, com a Berenice. *(pausa)* Vi tudo. Essa sem-vergonhice vai parar.

O menino olha para a mãe, preocupado.

MULHER

*(olhar frio, quase inexpressivo)* Promete!

MENINO

Prometo.

### **CENA 3 PRAÇA / RECANTO - EXTERIOR - DIA**

O menino e a menina (usando o mesmo chapéu amarelo) estão num recanto da praça protegido pela vegetação, sentados na estátua de pedra de um leão deitado.

MENINA

Por quê?

O menino olha para baixo e permanece calado.

MENINA

Olha pra mim.

O menino obedece.

MENINA

Uma vez tu disse que gostava do meu chapéu. Tu quer ficar com ele?

MENINO

Quero.

MENINA

Eu te dou. *(pausa)* Se tu me der um beijo.

O menino não sabe o que fazer. A menina tira o chapéu e entrega-o para o menino. Os dois ficam se olhando por um tempo. Timidamente, o menino se inclina e beija a menina. Depois, angustiado, levanta-se e sai correndo, com o chapéu na mão. A menina acompanha a fuga, triste.

**CENA 4 EDIFÍCIO FAMÍLIA BECKER - EXTERIOR - DIA**

O menino, ainda correndo, mas sem o chapéu na mão, aproxima-se de um edifício baixo e modesto. Há uma ambulância estacionada em frente. O menino passa pela ambulância e entra no edifício.

**CENA 5 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR DIA**

O menino entra na sala (sem o chapéu na mão) e, surpreso, percebe que há um movimento intenso no interior do apartamento. Uma maca, carregando o corpo da mulher madura, está sendo retirada do quarto por **DOIS ENFERMEIROS** e um **MÉDICO**. A maca é levada para a porta de saída do apartamento, cruzando pelo menino, que olha para o rosto inerte da mãe. Uma **MULHER DE AVENTAL**, 40 anos, assustada, sai do quarto e olha para o menino. A mulher coloca a mão na cabeça do menino e começa a chorar.

OUTRA MULHER  
O teu pai já vem.

A mulher sai da sala, em direção à cozinha. Sozinho, o menino tira o chapéu amarelo do bolso e fica olhando para ele.

**CARTÃO:** "25 anos depois"

**CENA 6 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

A **DRA. PAULA**, 25 anos, e o **DR. SÉRGIO**, 45 anos, ambos de avental branco, caminham pelo jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Não ouvimos o que eles conversam. Avistam **DANTE**, 35 anos, com a roupa dos internos do HPSP. Param e observam. Dante está acocorado, olhando fixamente para um galho de árvore espetado no chão. De vez em quando, também olha para uma cadeira quebrada, caída ao seu lado. Sua expressão facial mantém-se uniforme, independente do que faz ou do objeto que atrai sua atenção.

De repente, levanta-se, como se visse alguma coisa ameaçadora à sua frente, dá alguns passos e grita. Fica observando o terreno à sua frente por algum tempo. Depois volta para o ponto de origem. Acocora-se, pega o galho de árvore espetado no chão e dá uma mordida nele. Estende o galho na direção da cadeira, como se o oferecesse. Dante levanta os olhos e observa Paula, que parece impressionada com o que vê. Dante volta sua atenção para a cadeira quebrada. Aproxima-se dela. Acaricia a cadeira. Fica de

joelhos, atrás dela, e inicia o que talvez seja uma relação sexual com a cadeira. Há outros internos nas imediações, mas a cena não causa maiores reações.

SÉRGIO

Ele faz isso de vez em quando. Ninguém mais presta atenção.

PAULA

É sempre igual?

SÉRGIO

Às vezes ele fica mais agitado e tem que ser contido. Mas nunca agrediu ninguém.

Dante volta a olhar para Paula. De repente, seu semblante transforma-se e exhibe medo.

SÉRGIO

No começo eu tentava interferir, mas depois aprendi que é melhor deixar a idéia delirante ir até o final.

Dante grita, levanta-se, estende o braço, como se quisesse se defender, mas acaba saltando para trás. Rola no chão, bate na cadeira. Embola-se com ela. Consegue levantar-se, ergue as duas mãos e dá um golpe de cima para baixo com uma arma imaginária. Depois, cambaleia e cai ao lado da cadeira.

SÉRGIO

Morreu. Ele fica assim por um bom tempo. Depois levanta e passa o resto do dia fazendo buracos na terra.

PAULA

Ele fala sobre o delírio?

SÉRGIO

Não. Ele não fala sobre nada.

Paula olha para Dante, que continua deitado, imóvel, de olhos fechados.

PAULA

Como é o nome dele?

Sérgio vai responder, mas continua calado. Constrangido, percebe que esqueceu o nome do paciente.

**CENA 7 HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA**

A sala é pequena e bagunçada. Um computador de mesa, antigo e desbotado, ocupa quase toda a mesa. Sérgio procura alguma coisa num arquivo de metal cheio de pastas. Paula está sentada em frente à mesa, observando o ambiente, um pouco assustada. Finalmente, Sérgio pega uma pasta de papelão, bem amassada e suja, que coloca em cima da mesa. Abre a pasta e olha para os papéis que estão dentro dela. Sorri, aliviado

SÉRGIO

Dante. Dante Becker. Está aqui desde o final de 99. Chegou dois anos antes de mim. *(pausa; lê alguma coisa)* E provavelmente vai continuar por aqui. Está tomando uma dose bem pesada de haloperidol.

PAULA

Posso olhar?

SÉRGIO

Claro.

Paula olha rapidamente para os papéis.

PAULA

Onde está o prontuário?

SÉRGIO

Esse é o prontuário.

PAULA

Aqui só tem um diagnóstico de oito anos atrás e a informação de que ele esteve envolvido na morte de um homem durante uma crise.

SÉRGIO

É... Lembro vagamente.

PAULA

E a anamnese? Não tem nada sobre a família dele, sobre os antecedentes mórbidos, as mudanças de medicação...

SÉRGIO

Não sei se ele tem família. Não me lembro de visitas.

PAULA

Mas...

SÉRGIO

Dra. Paula. Se a senhora quer mesmo fazer residência aqui, vai ter que se acostumar com as nossas limitações.

Paula coloca a pasta sobre a mesa e sorri, resignada.

**CENA 8 HPSP / CORREDOR - INTERIOR - DIA**

Paula (roupa diferente das cenas anteriores) caminha com passos largos ao lado de **ESTEVÃO**, 25 anos, alto e forte, vestido como enfermeiro. Cruzam por alguns **INTERNOS** e aproximam-se de **ÚRSULA**, 20 anos, sentada no chão, com a roupa do HPSP, toda encolhida, tremendo. Ela tem um cachecol (ou um lenço) amarelo enrolado no pescoço. Paula se agacha ao lado dela.

PAULA

O que foi?

ÚRSULA

Ele veio atrás de mim.

PAULA

Ele te machucou?

ÚRSULA

Ele veio atrás de mim.

ESTEVÃO

Doutora!

Paula ergue os olhos para Estevão, que aponta para uma janela do corredor. Paula levanta-se e olha para onde o enfermeiro está apontando.

**CENA 9 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Ponto de vista de Paula. Dante está "transando" com a cadeira. Olha para a frente, vê alguma coisa que o assusta e joga-se para trás. Começa a debater-se.

**CENA 10 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante está "morto", deitado sobre a cadeira num ângulo absurdo e certamente desconfortável. Paula está sentada no chão, bem perto dele, esperando. Estevão, mais distante,

acompanha a situação. Dante abre os olhos e a primeira coisa que vê é o rosto de Paula. Ela sorri. Ele não reage.

PAULA

A Úrsula ficou assustada.

Dante permanece deitado. Olha para Paula, mas não parece entender o que ela diz.

PAULA

Ela chegou ontem, ainda não te conhece. É uma morena bem magrinha. Da próxima vez, não corre atrás dela, tá bom?

Dante apenas olha para Paula. Parece surpreso com alguma coisa. Ela levanta-se e afasta-se. Ouve alguma coisa às suas costas. Volta-se. Dante está se esforçando para colocar um pé na cadeira e equilibrá-la. Paula acompanha seu esforço. Quando a cadeira pára de pé, Dante aponta para a cadeira. Paula caminha devagar até a cadeira e sorri.

PAULA

Obrigado, Dante. Agora não posso. Mas amanhã eu volto, tá bem? Meu nome é Paula. (pausa) Paula.

Dante pega a cadeira e afasta-se. Pára. Começa a cavar um buraco na grama com as próprias mãos. Paula observa-o em silêncio.

#### **CENA 11 HPSP / SALA DOS MÉDICOS - INTERIOR - DIA**

Paula escreve alguma coisa num computador portátil. Está sozinha numa sala grande, com móveis antigos, em mau estado de conservação. Sérgio entra e senta ao lado dela.

SÉRGIO

Falei com o doutor Fischer. Ele disse que um estagiário levou as anotações sobre o Dante pra casa e nunca devolveu. Mas o Fischer conseguiu recuperar alguns dados.

Sérgio mostra um papel com três nomes, seguidos de telefones e endereços.

SÉRGIO

No começo ele recebia visitas dessas três pessoas: o pai, uma professora da faculdade e uma amiga.

Paula pega o papel.

PAULA

Eu tô pensando em fazer um estudo de caso com o Dante pro meu trabalho de conclusão.

SÉRGIO

*(ar cansado)* Pra quê? Ele é crônico, não vai mudar. Pega alguém que a gente possa imaginar uma história diferente.

Paula fica em silêncio.

SÉRGIO

Ele já tem uma certa deterioração. Não responde.

PAULA

Acho que ele não quer responder. Ele quer perguntar.

Sérgio sacode a cabeça, incrédulo.

#### **CENA 12 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Paula está sentada na cadeira quebrada de Dante, equilibrada precariamente no tronco de uma árvore. Ela observa Dante cavar um buraco na terra com as mãos. De vez em quando, ele olha para Paula, que tenta sorrir, maternal. O olhar de Dante está um pouco diferente da cena anterior. Menos uniforme. Menos esquizóide. A médica abre a sua bolsa e mostra uma pazinha amarela de plástico para Dante. Ele se aproxima e pega a pazinha. Examina-a rapidamente e quase sorri. Paula aproveita.

PAULA

Gregório. Laura. Berenice.

Dante não reage. Continua examinando a pazinha.

PAULA

Eu andei examinando umas coisas... Gregório é o nome do teu pai.

Dante pára de mexer na pá e olha para Paula.

PAULA

Também vi que a Laura era tua professora, e a Berenice era tua amiga.

Dante continua olhando para Laura.

PAULA

Eu vou tentar falar com eles. Tudo bem pra ti?

Dante começa a cavar um buraco com a pá, bem ao lado dos pés de Paula.

PAULA

Vamos fazer o seguinte: eu vou voltar, me sentar nessa cadeira e te dizer o que eu descobri sobre essas pessoas. E tu me mostra tudo que encontrar nesse buraco. Combinado?

Dante segue cavando. Paula levanta-se.

PAULA

Tchau, Dante.

Paula se afasta. Dante segue cavando, cada vez com mais energia, mas dá uma rápida olhada para Paula. Úrsula observa Dante à distância. Paula pára ao lado de Úrsula. De repente, Dante olha para elas. Parece perturbar-se. Levanta-se. Ergue a pá. Grita. As duas mulheres olham para ele. Úrsula está assustada. Paula a abraça e olha para Dante. Ele está indeciso. Olha para a cadeira, para a pazinha em sua mão e para Paula. Depois, baixa o braço, senta-se e recomeça a cavar. Paula olha para Úrsula e sorri.

### **CENA 13 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Sentada numa poltrona, **LAURA**, 40 anos, fala.

LAURA

Ele era um aluno brilhante, com as maiores notas da turma, mas não era nada sociável. Sempre estava quieto, na dele. *(pausa)* Às vezes ele nos olhava e parecia que tava atravessando a nossa cabeça, sabe como é? Era estranho. Tinha feito História e gostava de Arqueologia. Fez a especialização conosco e logo depois conseguiu um emprego numa empreiteira.

PAULA (FQ)

Então ele estava trabalhando na época.

LAURA

Estava. *(hesita)* A senhora sabe o que é arqueologia de contrato?

PAULA (FQ)  
Não.

LAURA  
O Dante fazia estudos de impacto ambiental. Pela lei as construtoras são obrigadas a fazer uma avaliação de possíveis prejuízos de suas obras para o patrimônio arqueológico. O Dante tinha que verificar se havia alguma coisa para ser preservada no terreno e fazer um relatório. Ele tava sempre entrando e saindo de buracos.

PAULA (FQ)  
Não parece ser um trabalho muito emocionante.

LAURA  
Não é mesmo. Estava muito abaixo da capacidade intelectual dele. Depois que ele saiu da universidade, a gente perdeu contato. Eu não via o Dante há meses. *(pausa)* Quando ele apareceu na saída de campo, foi uma grande surpresa.

#### **CENA 14 FACHADA DE UNIVERSIDADE - EXTERIOR - DIA**

Um micro-ônibus parado na frente de uma universidade. Na calçada, ao lado do micro-ônibus, uns **DEZ ESTUDANTES** (perto de 20 anos), quase todos com mochilas nas costas, cercam Laura (agora com 30 anos). Dante (agora com 25 anos) caminha rápido pela rua e se aproxima do micro-ônibus. Laura o vê e sorri. Beijam-se.

LAURA  
Dante!

DANTE  
Oi, professora.

LAURA  
Quem bom te ver.

DANTE  
Eu quero ir.

LAURA  
*(indecisa)* Acho que tem dois lugares sobrando, mas como tu não tem mais vínculo com a faculdade, eu não posso...

DANTE  
*(cortando)* Tudo bem. Eu entendo.

Dante dá as costas para Laura, que, surpresa, segura o ombro de Dante.

LAURA

Calma, Dante. Eu só ia dizer que não posso te dar certificado.

DANTE

Não preciso de certificado.

LAURA

Então entra. Já vamos sair. Eu tava esperando mais uma pessoa, mas acho que ela desistiu.

### CENA 15 MICRO-ÔNIBUS - INTERIOR - DIA

Dante entra e senta numa das primeiras filas, num banco vazio. Os estudantes começam a embarcar. Estão alegres, animados. Laura entra também, olha para o relógio de pulso e, meio a contragosto, faz sinal de positivo para o **MOTORISTA**, que liga o motor e fecha a porta. O ônibus começa a se movimentar. Ouve-se uma buzina, e um táxi surge na frente do ônibus, que pára. **RENÉ**, 30 anos, desce do carro e corre para o micro-ônibus. O motorista abre a porta, e ela entra, sorridente, com uma sacola a tiracolo e um chapéu amarelo na cabeça. Laura aproxima-se e a beija. Dante olha para as duas. Está muito impressionado com René.

RENÉ

*(para Laura)* Desculpe o atraso.

LAURA

*(para todos)* Pessoal, essa é a doutora René, da USP, uma das maiores autoridades em paleoantropologia do Brasil. Ela trabalhou no Quênia e escreveu...

RENÉ

*(cortando, meio envergonhada)* Bom dia, pessoal!

René acena, senta rápido num banco e puxa Laura, que senta ao seu lado. O micro-ônibus arranca. René respira fundo antes de falar.

RENÉ

Fiquei até tarde no computador. *(pausa)* Teve uma hora que eu achei que tinha deletado as imagens da apresentação. Depois fiquei em dúvida se devia ir ou ficar preparando a palestra.

LAURA

(*tranqüilizadora*) Descansa. Aproveita o passeio.

Dante de vez em quando olha para René, mas apenas por alguns instantes, como se tivesse medo de encará-la. René encosta a cabeça no banco e fecha os olhos. Respira fundo mais uma vez, sem notar o efeito que provoca em Dante, mas Laura percebe alguma coisa.

#### **CENA 16 XANGRILÁ / SAMBAQUI - EXTERIOR - DIA**

Dante acompanha à distância os deslocamentos de René pelo sambaqui. Ela é guiada por Laura. Os estudantes já estão espalhados pelo local, fazendo anotações, mexendo nas conchas e fotografando tudo. Dante, para disfarçar, também tira algumas fotos e segue observando René, que faz diversas anotações num caderno pequeno de capa dura.

Laura aproxima-se de René e a apresenta para uma equipe de TV (uma **REPÓRTER** e um **OPERADOR DE CÂMERA**). Dante acompanha tudo, não muito longe dali. Laura e René vão ser entrevistadas. O operador de câmera faz uma panorâmica pelo terreno. Dante percebe que está em quadro e afasta-se rapidamente.

#### **CENA 17 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Foi só isso. Ele ficou lá, olhando, fazendo umas fotos. Quietos como sempre.

#### **CENA 18 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

O computador portátil de Paula está sobre o assento da cadeira quebrada, que por sua vez está sustentada por alguns tijolos. Dante e Paula, sentados no chão, estão vendo o vídeo de Laura na tela do computador.

LAURA (FQ)

Eu tenho saudade do Dante. (*emocionada*) Ele era muito querido. Pena que eu não pude ajudar.

Paula dá uma pausa, congelando a imagem de Laura e olha para Dante. Ele está com a pazinha na mão. Paula abraça

Dante, maternal. É um abraço rápido, mas suficiente para demonstrar seu afeto.

PAULA  
Ela lembra bem de ti.

Dante baixa os olhos e começa a cavar com a pazinha.

PAULA  
Foi fácil falar com a Laura e com o teu pai. Eles moram aqui em Porto Alegre. Mas a Berenice foi mais difícil. Ela mora longe, num lugar muito bonito, na beira de uma lagoa. Acho que tu conhece esse lugar.

### **CENA 19 POUSADA DE BERENICE / SACADA - EXTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista B1. **BERENICE**, 35 anos, sentada numa cadeira de madeira, fala. Ao fundo a lagoa Mirim.

BERENICE  
Pra contar o que aconteceu naquele dia, eu tenho que falar sobre muitas coisas que aconteceram antes. É complicado.

PAULA (FQ)  
Não tem problema.

BERENICE  
(*hesita*) Não sei por onde começar.

PAULA (FQ)  
Como tu conheceu o Dante?

BERENICE  
(*sorri, meio melancólica*) A gente morava na mesma rua, e nossas mães se conheciam. Também estávamos no mesmo colégio. Enfim... Éramos muito amigos. Aí... (*hesita*) Fiquei muitos anos sem ver o Dante. Foi só depois que... (*mais uma hesitação, mais longa*) Eu já estava casada com o Ciro. (*pára de falar*) Não sei o que dizer...

PAULA (FQ)  
Como vocês se reencontraram?

BERENICE  
Quando meu pai morreu, fiquei com essas terras, e o Ciro resolveu fazer uma pousada. Minha mãe emprestou um dinheiro, e as obras estavam começando.

**CENA 20 PROMONTÓRIO PERTO DE LAGOA MIRIM - EXTERIOR - DIA**

Num modesto canteiro de obras, Berenice (agora com 25 anos), acompanha **TRÊS OPERÁRIOS** nos trabalhos de construção de uma escada de madeira, destinada a ligar o promontório à praia. **DEVANOR**, 40 anos, o mestre-de-obras, orienta os operários. Um deles, com uma pá, está escavando a barranca (formada por areia, argila e sedimentos), quando sua ferramenta bate em algo sólido, que chama sua atenção. Ele se agacha, pega um objeto, tira um pouco da areia que o cobre, mas não consegue identificar o que é.

OPERÁRIO  
Devanor!

O mestre-de-obras aproxima-se, pega o objeto, que é cilíndrico, pontudo, e tem uns 15 centímetros de comprimento por 5 de espessura. Tenta limpá-lo mais um pouco e, tão curioso quanto o operário, observa o achado. Depois, leva o objeto para Berenice, que começa a examiná-lo. Ela não tem a menor idéia do que é.

**CENA 21 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista G1. **SEU GREGÓRIO**, 70 anos, aparência triste e cansada, fala. Está sentado num sofá desbotado. A tinta na parede está descascada. Todo o ambiente parece velho e mal-cuidado.

SEU GREGÓRIO  
Eu lembro bem. Eu tô velho, mas eu lembro bem. E sabe por que eu lembro? O meu filho parece que sempre viveu em outro planeta. Era muito difícil falar com ele. Tão difícil que às vezes eu nem tentava. E, naquele dia, o Dante tava diferente. Eu achei que... Que tinha acontecido alguma coisa importante. *(pausa)* E eu até fiquei contente.

**CENA 22 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO DE DANTE - INTERIOR - NOITE**

Seu Gregório, agora com 60 anos, está no computador, com um fone de ouvido, e não percebe a entrada de Dante. Ele está no MSN, teclando com alguém (no canto da tela, aparece a foto de uma mulher de uns 50 anos).

DANTE

Pai.

Seu Gregório não ouve.

DANTE

*(bem mais alto)* Pai!

Seu Gregório vira-se, tira os fones de ouvido e sorri para Dante.

SEU GREGÓRIO

Oi, Dante. Tu acha que ela é muito moça pra mim?

DANTE

Eu tenho que fazer uma pesquisa.

Seu Gregório levanta-se.

SEU GREGÓRIO

Claro.

Dante senta onde antes estava seu pai. Dante abre o Google. Seu Gregório fica olhando para a tela, o que incomoda Dante. Ele fala sem virar-se para o pai.

DANTE

Eu trouxe umas revistas. Estão lá na sala.

SEU GREGÓRIO

Obrigado.

Seu Gregório afasta-se. Começamos a ouvir o som da TV na sala. Dante digita "René" e "paleo-antropologia" no Google e examina rapidamente a lista de links. Depois abre a página de busca de imagens e digita as mesmas palavras. Surgem seis pequenas fotos. Apenas uma parece ser da René que Dante está procurando. Dante clica sobre o ícone. A foto ampliada começa a aparecer. É mesmo René, num site do programa de pós-graduação em arqueologia da USP. Ela está sorridente, segurando o que parece ser um crânio humano muito antigo numa mão e um fêmur na outra.

SEU GREGÓRIO (OFF)

Bonita.

Dante, irritado, vira-se para o pai, que está com uma revista em baixo do braço.

DANTE

O senhor não tem nada que fazer?

SEU GREGÓRIO

Não, até começar o noticiário. Ela não é um pouco velha pra ti? Eu tô falando da que está viva. A outra parece boa pra mim.

DANTE

Pai, será que o senhor podia...

SEU GREGÓRIO

(cortando) E ela é casada.

Dante não esconde a sua surpresa. Gregório aponta para o dedo indicador da mão de René.

SEU GREGÓRIO

É uma aliança bem mais grossa que a média. O marido deve ser ciumento. Cuidado, meu filho.

Dante fecha o Google.

DANTE

O senhor não percebe que, às vezes, é muito chato?

SEU GREGÓRIO

Percebo. Mas o que eu posso fazer? Já tô velho, não vou mudar. Mas tu ainda é novo, Dante. Pode fazer muitas coisas. (aponta para a foto) Se eu tivesse a tua idade, já tava fazendo.

Dante olha para o pai, irritado.

SEU GREGÓRIO

Vou olhar o noticiário.

Seu Gregório sai, na direção da sala.

### **CENA 23 CASA DE BERENICE / SALA - INTERIOR - NOITE**

Berenice entra na sala com um sanduíche e um copo de suco nas mãos. Coloca ambos sobre uma mesinha ao lado de uma poltrona e liga o aparelho de som. Começa um rock, em volume baixo. Ela senta na poltrona e, com o controle remoto, liga a TV, sem som. Começa a zapear. **CIRO**, 40 anos, barba por fazer, abre a porta da rua e entra na sala. Olha para Berenice e sorri, sem muito entusiasmo.

CIRO  
Oi.

BERENICE  
Oi. Quer um sanduíche?

CIRO  
Não. Já comi.

Ciro sai da sala, na direção da cozinha.

BERENICE  
*(na direção da porta da cozinha)* Eu não sabia o que fazer. *(pausa)* Então começamos a escada.

Ciro volta da cozinha com um copo e uma garrafa de uísque.

CIRO  
Tudo bem.

Ciro senta noutra poltrona. Toma um gole grande.

BERENICE  
Podia ter ligado.

CIRO  
Eu tava na prefeitura. *(pausa)* Que merda de música é essa?

Berenice fica quieta.

CIRO  
Bota o som da TV.

BERENICE  
Prefiro a música.

Ciro olha para Berenice, mais irritado, e continua bebendo.

BERENICE  
Tu disse que não ia mais beber.

CIRO  
Disse? Não me lembro. *(pausa)* Decidi abrir um camping em abril.

BERENICE  
*(surpresa)* Mas agora que a estrada tá pronta... A mãe disse que...

Ciro levanta-se e caminha na direção de Berenice.

CIRO

(cortando; imita a voz de Berenice) "A mamãe disse que..." A tua mãe que se foda. Em que mundo tu tá? Precisamos ganhar algum dinheiro.

BERENICE

Tu disse que o empréstimo era pra fazer uma pousada, e agora tu diz que é um camping...

CIRO

Não enche o saco.

BERENICE

A mamãe...

CIRO

(cortando) Pára de falar da tua mãe! Aquela velha fica me aporrinhando por telefone o dia inteiro. Aí eu chego em casa e continuo ouvindo... Porra!

Ciro pega o controle remoto e aumenta o volume da TV, que fica bem mais alto que o do aparelho de som. Berenice levanta. Vai sair da sala, mas então dá uma olhada na imagem da TV e pára. Dante está aparecendo, em primeiro plano, num dos *inserts* feitos para cobrir o OFF da repórter.

REPÓRTER (OFF)

...exploração e ignorância. Mesmo assim, o sambaqui de Xangrilá pode guardar alguns segredos importantes para a arqueologia brasileira. A visita da doutora René Heller, que é uma autoridade de renome mundial em evolução humana, talvez chame a atenção para a luta pela preservação de sítios como este.

René fala com a repórter.

RENÉ

É uma pena que aqui no Brasil não existam verbas para...

**CENA 24 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE**

Seu Gregório vê o noticiário.

RENÉ (BG)  
...estudar metodicamente lugares que têm tantas histórias para contar.

SEU GREGÓRIO  
Ela tá na TV, Dante!

DANTE (OFF)  
Ela quem?

SEU GREGÓRIO  
A mulher da aliança.

#### **CENA 25 CASA DE BERENICE / SALA - INTERIOR - NOITE**

Na TV da sala, continua a matéria.

RENÉ  
Nos Estados Unidos, este sambaqui certamente estaria protegido, e as pesquisas...

A imagem e o som desaparecem, sendo substituídos por uma cena de novela. É *Ciro*, que, com o controle remoto na mão, está zapeando.

BERENICE  
Eu tava olhando.

CIRO  
Aquela chatice? Pra quê?

Ciro olha para Berenice e, desafiador, toma mais um gole do uísque. Berenice sai da sala, irritada.

#### **CENA 26 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE**

Seu Gregório, sentado no sofá, e Dante, de pé, assistem ao final da matéria.

REPÓRTER  
Amanhã, a dra. René Heller faz a sua palestra do Congresso Brasileiro de Arqueologia.

Seu Gregório aponta para a TV. Dante aparece outra vez, no fundo do quadro.

SEU GREGÓRIO  
Olha lá!

REPÓRTER (OFF)  
Para o Jornal da Noite, Priscila Linhares.

Entra a vinheta de encerramento de bloco do tele-jornal.  
Seu Gregório olha para Dante.

SEU GREGÓRIO  
Bem bonita... Não a repórter. A doutora. Tu vai ver  
ela de novo?

DANTE  
Não.

Seu Gregório encara Dante.

SEU GREGÓRIO  
Sabe uma coisa que tu não sabe fazer, meu filho?  
Mentir. E quem não sabe mentir também não sabe  
dizer a verdade. *(pausa)* Não sabe dizer nada.

Dante vai dizer alguma coisa, mas desiste e sai da sala.

## **CENA 27 AUDITÓRIO DE UNIVERSIDADE - INTERIOR - DIA**

O auditório está quase lotado por **JOVENS UNIVERSITÁRIOS**. Laura e os estudantes da excursão estão espalhados pela sala. Laura percebe que Dante está assistindo à palestra de René, que usa uma apresentação projetada numa tela às suas costas. As telas que se sucedem vão mostrando imagens (desenhos simples) de antepassados dos humanos.

RENÉ  
Alguns de nossos antepassados sabiam fazer algumas coisas bem complicadas. Os australopithecus já usavam o rosto e as mãos para se entender, e se entendiam relativamente bem. Os homo habilis fabricavam instrumentos de pedra e associavam alguns grunhidos e sinais a objetos específicos. Os homo erectus e os homo ergaster tinham relações pessoais sofisticadas e caçavam em conjunto. Os homens de Neanderthal tinham uma linguagem oral sofisticada e sentimentos complexos, como amor e compaixão. Mas todos eles desapareceram, porque os seus cérebros não tinham a mais importante de todas as faculdades: a imaginação. Eles viviam no presente, no aqui e no agora, e isso é muito pouco.

As lâminas mostram imagens das pinturas nas cavernas de Lascaux e Altamira

RENÉ

Imaginar o que virá, em vez de viver apenas o presente, abandonar a realidade e criar representações do mundo, é o que faz o homem ser homem. Tão importante quanto recordar o passado é pensar num futuro, mesmo que ele só exista dentro das nossas mentes.

Dante, impressionado, olha para René. Uma lâmina mostra o crânio de "Luzia".

RENÉ

Eu acredito que a imaginação também é o que faz um arqueólogo ser um arqueólogo. A capacidade de criar imagens, a partir dos vestígios que nos chegam do passado, dá sentido para as nossas pesquisas.

Uma nova lâmina, dividida em duas metades, mostra agora o mesmo crânio da lâmina anterior à esquerda, enquanto à direita está a reconstituição do rosto de "Luzia".

RENÉ

Imagens como essas vão fazer com que as pessoas acreditem na importância do nosso trabalho. Os brasileiros precisam conhecer Luzia, porque precisam conhecer a si mesmos. Luzia não pode ser um monte de ossos velhos, que não emocionam ninguém. E, para isso, nós temos que imaginar como era a vida de Luzia, onde ela morava, o que ela comia, e até o que ela sentia pelo seu namorado.

Uma nova lâmina mostra Luzia abraçada num "namorado" parecido com ela.

RENÉ

Alguns dos meus colegas vão dizer: como eu posso saber se Luzia tinha mesmo um namorado? E eu respondo: é melhor errar criando alguma coisa, e depois aprendendo com o erro, que permanecer num mundo feito só de ossos velhos e discussões intermináveis sobre a datação de pedaços de pedra. Uma arqueologia sem imaginação é uma arqueologia morta. Vamos imaginar. E vamos viver de verdade. Muito obrigado.

A platéia aplaude. Dante aplaude.

**CENA 28 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE**

Dante janta com seu pai. Toca o interfone. Dante levanta e atende.

DANTE  
Alô. (...) É. (...) Sou eu. (...) Não. Não lembro.

SEU GREGÓRIO  
Quem é?

DANTE  
*(para o pai)* Não sei. *(para o interfone)* Do colégio? (...) É melhor eu descer. Espera um pouco, por favor. *(coloca o fone no gancho; fala para o pai:)* É uma mulher. Diz que me conhece.

Dante abre a porta pra sair.

SEU GREGÓRIO  
Será que essa é solteira?

Dante ignora o comentário do pai e sai, batendo a porta.

**CENA 29 EDIFÍCIO / PORTARIA - INTERIOR - NOITE**

Dante termina de descer a escada e, antes de abrir a porta, olha por uma pequena abertura. Vê Berenice, que sorri para ele. Dante abre a porta e não sorri de volta.

BERENICE  
Oi, Dante. Vai dizer que não lembra?

DANTE  
Não.

BERENICE  
Eu sou a Berenice. Do Colégio Sagrada Família.

DANTE  
Berenice?

BERENICE  
É. A tua colega de escola. *(hesita)* A tua amiga.

DANTE  
*(embaraçado)* Acho que lembro, sim.

Berenice abraça Dante. Ele não consegue esconder um certo mal-estar com a situação.

BERENICE

Pô, finalmente. Nem faz tanto tempo... *(sorri)* Só uns quinze anos...

Berenice desfaz o abraço.

BERENICE

Desculpa chegar assim, sem avisar. Eu achava que era quase impossível que tu ainda morasse aqui, mas eu tava em Porto Alegre... *(pausa)* Bom... Eu queria te mostrar uma coisa.

DANTE

Uma coisa?

BERENICE

É. Eu te vi ontem, na TV, numa reportagem sobre um lugar cheio de conchas, não lembro o nome. Uma coisa de arqueologia... Te reconheci na hora. *(pausa; mexe na bolsa)* Eu não quero incomodar. Posso mostrar?

Ela tira um pacote plástico da bolsa e pega o fóssil. Mostra-o para Dante.

BERENICE

Parece um dente, né?

Ele pega o objeto e observa-o com curiosidade. A luz da portaria - fraca e amarelada - não ajuda o exame. Berenice olha para ele, curiosa.

DANTE

Eu preciso de mais luz. *(hesita)* Não quer subir?

Berenice sorri para Dante.

### **CENA 30 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - NOITE**

Seu Gregório envolve com as suas as mãos de Berenice. Dante acompanha o diálogo, meio sem-jeito.

SEU GREGÓRIO

Berenice. Eu lembro. Acho que lembro, sim. Naquele tempo eu não ficava muito em casa. *(pausa)* Agora eu tô aqui o tempo todo.

Seu Gregório não solta a mão de Berenice.

DANTE  
(*para Berenice*) Pai, ela tá com pressa. (*para Berenice*) O meu quarto é ali.

Finalmente Seu Gregório desfaz o aperto de mãos. Berenice segue Dante para o quarto, sob o olhar atento do pai.

**CENA 31 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO DE DANTE -  
INTERIOR - NOITE**

Dante examina o fóssil sob a luz da lâmpada de cabeceira.

BERENICE  
Encontramos ontem de manhã, lá na Vila do Taim. É um dente mesmo?

DANTE  
Não sei.

Dante abre o seu roupeiro e olha para uma estante, procurando alguma coisa.

BERENICE  
(*sorrindo*) Eu guardei esse negócio, e provavelmente iria esquecer que ele existe, mas aí eu te vi na TV...

Dante continua procurando alguma coisa pelo quarto.

BERENICE  
Era muita coincidência... Eu tava vindo pra Porto Alegre, ver minha mãe, e não resisti.

Dante se agacha e olha em baixo da cama. Estende o braço e pega uma caixa de sapato. Abre a caixa. Finalmente acha seus instrumentos arqueológicos: um paquímetro, pincéis, uma lupa, pinças, etc. Dante tenta retirar a areia que cobre o osso. Berenice acompanha os movimentos de Dante.

DANTE  
Parece que é um fóssil... (*mede com o paquímetro*) Mas é grande demais pra ser um dente.

BERENICE  
É antigo?

DANTE

Talvez. *(olha para Berenice)* Eu tenho que dar uma olhada no local onde ele foi achado.

BERENICE

*(sorrindo)* Tudo bem. São só 300 quilômetros. Tô voltando pra lá amanhã. Se quiser ir junto...

Dante pega uns livros na estande e começa a folhear. Pára de folhear. Olha para o livro aberto à sua frente. Vemos o que ele vê: o crânio fossilizado de um tigre de dentes de sabre (smilodon). Dante pega outro livro - Arqueologia da Pré-História do Rio Grande do Sul - e vê o desenho de um tigre de dentes de sabre, ao lado de outros animais da mega-fauna. Entra no Google e digita as palavras "smilodon" e "teeth". Aparecem várias pequenas fotos de crânios de tigres de dentes de sabre. Abre uma delas. Dante pega o dente achado perto da lagoa e o compara com os dentes da foto.

DANTE

Acho que vou aceitar o teu convite. *(mostra o dente)* Posso ficar com isso por enquanto?

BERENICE

Claro.

Dante guarda o osso no saco plástico e o coloca na caixa de papelão. Berenice sorri para Dante, que sorri de volta.

### **CENA 32 CARRO / BR-116 - INTERIOR/EXTERIOR - DIA**

BR-116, perto da Vila do Taim. Uma caminhonete percorre a estrada em linha reta. Nos dois lados da estrada, se estende uma planície quase deserta, sem acidentes geográficos. Berenice dirige e tenta puxar conversa.

BERENICE

Eu lembro bem do teu pai porque ele tinha um revólver na cintura. Eu morria de medo do revólver. *(pausa)* Depois que a tua mãe morreu, ele não quis casar de novo?

DANTE

Não.

Ficam em silêncio por algum tempo. O carro passa por uma placa que anuncia o acesso para a Vila do Taim.

DANTE  
O teu marido faz o quê?

BERENICE  
É engenheiro. Eu me formei em arquitetura, faço projetos, essas coisas. O Ciro sempre morou aqui perto, em Rio Grande. No começo eu estranhei, me sentia solitária. Depois me acostumei. De vez em quando visito minha mãe em Porto Alegre, vou ao cinema, essas coisas. *(pausa)* Nós vamos construir uma pousada na margem da lagoa. O terreno é muito bonito.

Dante apenas sorri, timidamente. O carro abandona o asfalto e entra numa estrada de terra.

### **CENA 33 CARRO / ESTRADA DE TERRA - INTERIOR/EXTERIOR - DIA**

O carro avança com certa dificuldade por uma estrada de terra, nas proximidades da Vila do Taim.

DANTE  
Parece um lugar bem tranquilo.

BERENICE  
Pois é. A idéia é essa mesma: tranquilidade, silêncio e uma praia interminável. *(pausa)* Eu não tinha a menor idéia do que tu fazia até ver aquela reportagem sobre o... Como é o nome daquele lugar em Xangrilá?

DANTE  
Sambaqui.

BERENICE  
Isso. *(pausa)* Nunca te imaginei como um arqueólogo.

DANTE  
Eu fiz História, e depois uma especialização em Arqueologia, mas eu não sou arqueólogo.

BERENICE  
*(meio decepcionada)* Não?

DANTE  
Sou contratado para liberar obras. Faço vistorias e depois preencho relatórios.

BERENICE  
Mas tu entende de ossos antigos, essas coisas...

DANTE  
Um pouco.

**CENA 34 VILA DO TAIM / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM -  
EXTERIOR - DIA**

Dante e Berenice estão na praia, perto dos operários que trabalham na escada. Berenice aponta para um ponto na barranca.

BERENICE  
O osso tava naquela parede ali.

Dante vai examinar a barranca. Há terra, areia, sedimentos e pedaços de pedra nas proximidades da parede. Dante se agacha e começa a mexer no solo, retirando as pedras e examinando-as. Abre uma mochila e retira uma colher de pedreiro. Com ela, escava a barranca. De repente, acha uma peça grande e comprida, e começa a retirar a terra que a cobre.

BERENICE  
Achou alguma coisa?

DANTE  
Talvez.

CIRO (FQ)  
O que vocês estão fazendo?

Ciro está atrás de Dante e Berenice. Ela se volta.

BERENICE  
Que susto, Ciro!

Berenice, sorridente, beija Ciro na boca.

BERENICE  
(para Dante) Meu marido. (para Ciro) O Dante foi meu colega no colégio.

Dante levanta-se, deixando a peça no chão, e estende a mão para Ciro. Mas percebe que a mão está toda suja, e tenta limpá-la na calça.

CIRO  
Deixa pra lá. Prazer.

DANTE  
Prazer.

BERENICE  
Nós achamos um negócio estranho na barranca. Eu pedi que o Dante desse uma olhada. Ele é arqueólogo.

CIRO  
Um negócio estranho?

DANTE  
Provavelmente não é nada demais. Talvez um pedaço de osso de um boi, ou de um carneiro.

Dante se agacha, pega a peça que estava examinando e a mostra para Ciro.

DANTE  
Eu gostaria de examinar com mais calma isso aqui.

Ciro olha, desconfiado, para a peça.

CIRO  
Examinar pra quê?

DANTE  
Talvez seja um fóssil.

CIRO  
Fóssil?

DANTE  
Um osso petrificado.

Ciro pega a peça, a examina por algum tempo e depois olha para Berenice. Parece mal-humorado.

CIRO  
Nós não temos tempo nem verba pra ficar estudando ossos.

DANTE  
Não vai custar nada...

CIRO  
*(para Dante, agressivo)* Eu não perguntei quanto vai custar. *(para Berenice)* Tu é arquiteta. Na verdade, tu é decoradora de interiores. Quem sabe tu deixa a obra por minha conta e vai desenhar um pouco?

Berenice fica vermelha.

CIRO

*(para Dante)* A minha mulher não tem muita experiência com essas coisas. Desculpa se ela te fez perder tempo. *(faz um sinal para Devanor, que se aproxima)* O Devanor vai te levar até o ponto do ônibus. *(olha o relógio)* Passa daqui a meia-hora.

BERENICE

*(surpresa)* *Ciro, ele acabou de chegar.*

CIRO

Mas já vai sair.

Dante olha para a peça, que continua na mão de *Ciro*.

DANTE

Eu posso levar o osso?

CIRO

Não.

BERENICE

*Ciro, o Dante só está querendo ajudar.*

CIRO

*(para Devanor)* Leva ele, Devanor.

Dante olha para Berenice, que está constrangida.

DANTE

Então... Tchau.

Berenice aproxima-se e dá dois beijos rápidos em Dante.

BERENICE

Depois a gente se fala.

DANTE

Claro.

Dante segue Devanor. *Ciro* olha para Berenice, com ar reprovador.

### **CENA 35 POUSADA DE BERENICE / SACADA - EXTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista B1. Berenice continua falando.

BERENICE

O Ciro foi horrível. Eu achei que não ia ver o Dante nunca mais.

**CENA 36 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório continua falando.

GREGÓRIO

Ele não me contou nada a respeito da viagem. Tudo bem, eu já tava acostumado mesmo. Mas ele continuava diferente.

PAULA (FQ)

Diferente como?

GREGÓRIO

Normalmente ele não ligava pra nada. E, de repente, estava... Mais vivo. *(pausa)* É. *(pausa)* Vivo.

**CENA 37 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Eu achei ótimo quando o Dante me ligou e pediu pra ir na saída de campo pra Torres. Ele sempre foi tão quieto... E agora parecia estar... Agitado. Ele disse que queria me mostrar uma coisa, mas não disse o que era.

PAULA (FQ)

E a Dra. René também foi nessa saída de campo.

LAURA

Foi. Eu queria que ela visse o sambaqui de Torres antes de voltar pro Rio.

PAULA (FQ)

E o que aconteceu?

Laura hesita. Está indecisa.

LAURA

Sinceramente, não sei. Na época, não notei nada especial. Se aconteceu alguma coisa... *(hesita mais uma vez)* A senhora vai ter que falar com a René.

PAULA (FQ)

Onde ela mora?

LAURA

Acho que está no Rio. Eu tentei entrar em contato com ela no ano passado, liguei, mandei e-mail, mas não consegui.

PAULA (FQ)

Mas vocês continuam amigas.

LAURA

Acho que sim. Mas ela é uma cientista famosa, tá sempre viajando. A gente ficou mais distante.

PAULA (FQ)

Mas ela podia ter respondido os e-mails.

LAURA

É. Podia.

A imagem de Laura congela.

### **CENA 38 HOSPITAL SÃO PEDRO / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante olha a imagem congelada de Laura no computador portátil de Paula. Os dois estão sentados lado a lado, no chão. Ao fundo, o Dr. Sérgio acompanha a conversa, curioso. Dante está com os olhos grudados na tela. Paula fecha a tampa do computador e olha para Dante.

PAULA

Eles lembraram de ti. Tu não lembra deles?

Dante olha para Paula e, em vez de responder, pega uma caixinha que estava ao seu lado e começa a mostrar algumas pedras para Paula. Primeiro ela não entende, mas depois sorri.

PAULA

Tu achou tudo isso naquele buraco?

Dante sorri, mostra a pazinha amarela, já toda quebrada.

PAULA

O que tu tá procurando, Dante? *(sorrindo)* Deve ter alguma coisa importante enterrada por aqui...

Dante continua mostrando as pedras. Parece que nem ouviu a pergunta. Paula pega em sua bolsa uma folha de ofício com

uma foto impressa em baixa resolução. Mostra a folha para Dante.

PAULA

Lembra dela, Dante? Dra. René.

Ele pára de mexer nas pedras. A reação é muito forte. Ele mal se mexe. Começa a respirar mais rápido. Suas mãos se crispam em volta da pazinha amarela. Dante levanta-se. Está assustado.

PAULA

Calma, Dante.

Dante grita e sai correndo na direção de um grupo de internos. Ergue a pazinha como se ela fosse uma arma. Os internos se assustam e abrem caminho. Dante passa por eles e desaparece atrás de um prédio. Sérgio aproxima-se de Paula.

SÉRGIO

O que aconteceu?

Paula mostra a foto para Sérgio.

PAULA

Ele viu isso aqui.

SÉRGIO

E os vídeos?

PAULA

Acho que não reconheceu ninguém. *(sacode a foto)*  
Mas essa aqui ele reconheceu. Tenho certeza.

SÉRGIO

Quem é?

PAULA

Uma cientista. Mora no Rio, mas estava aqui quando a primeira crise do Dante aconteceu. Já tentei entrar em contato, deixei recado com a secretária na faculdade, mas ele não responde. *(pausa)* Acho que ela não quer responder.

SÉRGIO

Por quê?

PAULA

Não sei, mas vou descobrir.

Paula olha para a foto de René e fica pensando.

**CENA 39 CASA DE PAULA / QUARTO - INTERIOR - DIA**

Sozinha no quarto Paula lê um livro de arqueologia da autoria de René Heller. O título do livro é "New Archeology of South America".

**CENA 40 CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA**

Paula faz meditação junto a um pequeno altar com imagens de Ganesh (com destaque) e outros deuses, como Shiva e Krishna. Há uma vela acesa sobre o altar.

**CENA 41 PRAIA - EXTERIOR - DIA**

Uma praia deserta (Lagoa Mirim). As ondas, tranqüilas, avançam sobre a areia e depois recuam.

**CENA 42 CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA**

Paula continua fazendo meditação.

**CENA 43 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante está cavando com sua pazinha amarela.

**CENA 44 ZOOLOGICO - EXTERIOR - DIA**

Um tigre caminha de um lado pro outro em sua jaula. Pára. Olha para a câmara.

**CENA 45 CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA**

Paula continua fazendo meditação.

**CENA 46 ZOOLOGICO - EXTERIOR - DIA**

Um elefante olha para a câmara. Vemos um olho, depois o outro.

**CENA 47 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante continua cavando com sua pazinha amarela. Acha alguma coisa (que não vemos) e olha para sua descoberta.

**CENA 48 CASA DE PAULA / SALA - INTERIOR - DIA**

Paula abre os olhos. Pensa um pouco. Apaga a vela do altar.

**CENA 49 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante está cavando, perto do muro do jardim. Paula aproxima-se dele sem ser percebida. Ao abaixar-se para chamá-lo, a médica nota que Dante está mexendo os lábios e emitindo um fiapo de melodia, apenas algumas notas. Paula, surpresa, fica ouvindo o que Dante canta. Mas, quando ela tenta acompanhá-lo, cantando as mesmas notas, Dante volta-se para Paula e pára de cantar. Paula sorri.

PAULA

Quer dar uma volta?

**CENA 50 HPSP / ESTACIONAMENTO / CARRO DE PAULA - EXTERIOR - DIA**

Paula coloca o cinto de segurança em Dante. Ele está vestido jeans e camiseta. Paula liga o carro. Dante olha em volta e parece estar mais "ligado" do que o normal. O carro arranca e sai do hospital.

**CENA 51 CAFETERIA - INTERIOR - DIA**

Dante e Paula estão numa mesa de canto. Sobre a mesa, duas xícaras e dois pratinhos com migalhas de pão. A cafeteria, quase vazia no meio da tarde, tem janelas grandes, que mostram uma rua movimentada no lado de fora. O garçom se aproxima e deixa sobre a mesa um prato com uma fatia grande de torta e duas colheres. Paula pega uma das colheres e come um pouco da torta.

PAULA

Tá muito boa. Não vai provar?

Dante, lentamente, pega a colher e come um pouco da torta. Paula sorri.

PAULA

Eu não conheço aquela música que tu tava cantando...

Paula começa a repetir as notas da música. Dante olha para ela. Paula insiste. Dante, pouco a pouco, começa a cantar, bem baixinho, junto com ela. Paula volta a sorrir. Dante não sorri, mas seus olhos parecem um pouco mais "vivos". Paula pára de cantar. Dante também pára.

PAULA

Dante, às vezes eu tenho medo de fazer alguma coisa que possa te machucar, mas... *(pausa)* Eu tenho que saber o que aconteceu. *(pausa)* Tá bom?

Dante estende a mão sobre a mesa, na direção de Paula. Paula segura a mão de Dante e a aperta. Eles se olham. Paula recomeça a cantar. Dante a acompanha, um pouco mais alto que antes.

#### **CENA 52 AVIÃO - INTERIOR - DIA**

Paula, bem no fundo do avião, está com o computador aberto e fones de ouvido. Olha para a tela do computador, onde Laura está falando.

#### **CENA 53 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura.

LAURA

Durante um tempo, eu tentei entender o que aconteceu com o Dante, e também o que poderia ter acontecido entre ele e a René. *(pausa)* Mas depois desisti. Acho que todo mundo desistiu. A vida continua, né?

#### **CENA 54 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - INTERIOR - DIA**

Paula está sentada num banco em um corredor da UFRJ. Quando René (agora com 40 anos) sai de uma sala, Paula levanta-se e vai ao seu encontro.

PAULA

Dra. René!

René pára.

RENÉ  
Sim?

PAULA  
Meu nome é Paula Guimarães. Eu sou médica psiquiatra. Gostaria de falar com a senhora.

RENÉ  
Sobre?

PAULA  
Sobre um dos meus pacientes. Será que a gente poderia sentar? Preciso só de alguns minutos.

RENÉ  
Eu tenho uma reunião agora. A senhora pode marcar com a minha secretária.

Volta a caminhar. Paula não desiste e vai atrás.

PAULA  
Já falei com a sua secretária. Várias vezes. Já expliquei que eu tenho um paciente chamado Dante Becker, que a senhora conhece. A sua secretária nunca marcou nada. Eu vim de Porto Alegre especialmente para falar com a senhora.

René pára e olha para Paula, desconfiada.

#### **CENA 55 SALA DE RENÉ NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista R1. René fala numa sala não muito grande, mas meticulosamente arrumada.

RENÉ  
(*nervosa*) Pra que essa câmera?

PAULA (FQ)  
Faz parte do meu trabalho. Se a senhora quiser, eu desligo.

René olha para o lado. Parece prestes a abandonar a entrevista.

PAULA (FQ)  
Eu gostaria que a senhora me contasse como conheceu o meu paciente.

RENÉ

Eu fui participar de um congresso de arqueologia em Porto Alegre. Se esse Dante é quem eu estou pensando, ele era aluno da professora Laura.

PAULA (FQ)

Dra. René, a senhora sabe perfeitamente quem é o Dante. Eu já falei com a Laura e sei como ele foi importante na descoberta dos fósseis que a senhora está estudando há anos.

RENÉ

O que a senhora quer saber exatamente?

PAULA (FQ)

Eu quero saber tudo o que aconteceu até a descoberta dos fósseis.

RENÉ

Foi há dez anos. Não é fácil lembrar.

PAULA (FQ)

Faz um esforço, por favor.

René olha para a câmera, ainda nervosa.

RENÉ

Eu vou tentar.

#### **CENA 56 SAMBAQUI / TORRES - EXTERIOR - DIA**

Um micro-ônibus pára na entrada do sambaqui. Laura e René descem, misturados aos estudantes (os mesmos que estavam em Xangrilá). Laura e René fotografam e fazem anotações. René nota a presença de Dante, com uma pequena mochila nas costas. Dante olha para ela e depois desvia os olhos.

#### **CENA 57 SAMBAQUI / TORRES - EXTERIOR - DIA**

René caminha sozinha por algum tempo. Dante aproxima-se um pouco dela. René se agacha. Parece ter visto algo interessante, numa fenda entre duas pedras semi-enterradas na areia. Tenta erguer a pedra menor, mas ela resiste. Dante só observa. René esforça-se para erguer a pedra, ainda sem resultado. Dante hesita. Finalmente, caminha na direção de René.

DANTE

Com licença.

Dante se agacha ao lado de René e ajuda a levantar a pedra. Finalmente conseguem. Um grande siri aparece de repente, saindo de uma reentrância da pedra maior. René dá um grito e cai sentada. O siri desaparece. René olha para Dante e começa a rir. Dante sorri para ela, meio sem-jeito. René continua sorrindo. Dante olha para ela, fascinado.

**CENA 58 FACHADA DE HOTEL EM TORRES / PRAIA - EXTERIOR - FIM DO DIA**

René sai do hotel, vai até a praia e caminha pela beira do mar. Ela parece estar com frio, pois mantém os braços em volta do corpo. Dante aparece de repente. Ela sorri.

RENÉ

Não imaginava que estava tão frio.

Dante tira a sua jaqueta e a estende para René.

RENÉ

Tem certeza?

DANTE

Eu tô de manga comprida.

René veste a jaqueta.

RENÉ

Eu vou caminhar mais um pouco. Você me acompanha?

Os dois caminham perto do mar.

RENÉ

Posso fazer uma pergunta?

DANTE

Claro.

RENÉ

Eu notei que você não se interessa muito por sambaquis. *(pausa; olha para Dante)* O que você tá fazendo aqui?

DANTE

Eu vim para mostrar uma coisa para a Laura. Talvez seja um fóssil.

René olha para Dante, curiosa.

RENÉ  
Um fóssil? *(pausa)* E já mostrou?

DANTE  
Ainda não.

Dante pega o saco plástico no bolso e mostra a presa para René, que a examina.

RENÉ  
Parece ser um dente. Mas nunca vi um dente assim.  
*(pausa)* De onde ele saiu?

DANTE  
Das barrancas perto da lagoa Mirim. Tem outros fósseis, mas eu só consegui pegar esse.

RENÉ  
Eu gostaria muito de examinar melhor. Posso?

#### **CENA 59 HOTEL EM TORRES / QUARTO DE RENÉ - INTERIOR - NOITE**

René e Dante entram no quarto de René. Estão com os sapatos cheios de areia. René tira os seus sapatos para não sujar o carpete. Dante olha para seus sapatos, tão sujos quanto os de René, e não sabe o que fazer. René percebe.

RENÉ  
Tira. Eu vou colocar no banheiro.

Dante tira os sapatos e entrega para René, que os leva para o banheiro. Quando volta, senta junto à pequena mesa do quarto e usa suas ferramentas de pesquisa arqueológica (pincéis de diversos tamanhos, paquímetro, réguas, pequenas espátulas, etc.) para limpar e examinar o fóssil. Dante acompanha tudo de perto. René coloca o fóssil bem em baixo da luz de cabeceira e o observa com uma lupa.

RENÉ  
É extraordinário. Você não imaginou nada?

DANTE  
Eu... Dei uma olhada nuns livros.

RENÉ  
E...

DANTE

Não é bem a minha área... *(hesita)* Achei parecido com a presa de um smilodon.

Os olhos de René brilham.

RENÉ

Eu imaginei a mesma coisa. *(mostra a presa)* É uma presa, não tenho dúvida. Olha o tamanho disso... Já encontraram fósseis de smilodons no Nordeste e na Argentina. Mas acho que esse é o primeiro aqui no Rio Grande do Sul. Eu tenho que pesquisar. Deixei meu computador em Porto Alegre. Será que tem internet aqui perto?

DANTE

Talvez.

RENÉ

Temos que comparar isso aqui com algumas fotos. Eu já examinei uma ossada completa de smilodon. *(pausa)* Tenho quase certeza... *(nova pausa)* Você disse que há outros ossos nesse lugar?

DANTE

Eu vi um osso grande. Talvez um fêmur humano.

RENÉ

*(excitada)* Você tá brincando! Junto com o smilodon? E os caras continuam escavando tudo em volta?

DANTE

Acho que sim.

RENÉ

Nós temos que ir lá. Podem estar destruindo um tesouro.

DANTE

O dono do terreno não foi com a minha cara.

René olha diretamente para Dante, pela primeira vez desde que começou a examinar o fóssil.

RENÉ

A gente dá um jeito. *(pausa; pensa um pouco)* A não ser que você não queira que eu vá. Uma descoberta dessas... *(nova pausa)* Você mal me conhece, e eu não posso...

Dante ergue a mão, para fazê-la parar de falar.

DANTE  
Eu preciso de ajuda.

René sorri para ele. Depois fica pensativa.

RENÉ  
Por enquanto a gente não precisa falar nada pros outros. Essas coisas são complicadas. (*estende a mão para Dante*) Nós vamos trabalhar juntos, combinado?

Dante hesita antes de apertar a mão de René.

DANTE  
Combinado.

RENÉ  
Acho que eu consigo ir amanhã, pelas quatro da tarde.

Eles ficam por alguns instantes com as mãos juntas. Sorriem.

#### **CENA 60 CARRO - INTERIOR/EXTERIOR - ENTARDECER**

Dante e René num carro, rumo ao Taim. Ela dirige.

#### **CENA 61 VILA DO TAIM / PROMONTÓRIO / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM - EXTERIOR - NOITE**

O carro pára no acostamento da estrada que leva ao promontório. Dante e René desembarcam e seguem em frente, caminhando, com lanternas para iluminar o caminho. Ambos carregam mochilas nas costas. Passam por um abrigo improvisado para os operários, fechado e silencioso. Descem a barranca com alguma dificuldade e chegam ao local onde Dante encontrou o fêmur. Pegam pás de pedreiro nas mochilas e começam a escavar a barranca. Depois de algum tempo, René acha mais alguns ossos, de diferentes formatos e tamanhos, e alguns deles parecem ser humanos. Ao mesmo tempo, Dante encontra o que pode ser uma pedra lascada para ser a ponta de uma lança e a entrega para René. Ela fica muito entusiasmada.

RENÉ  
Isso é maravilhoso!

Uma luz se acende no abrigo. Dante imediatamente fica muito tenso.

DANTE

*(sussurrando)* Nós temos que sair daqui

RENÉ

Não!

O olhar de Dante é de pânico, seus músculos se enrijecem, suas mãos se crispam. René observa essa reação e percebe a fragilidade psíquica de Dante. Ouve-se o barulho de uma porta abrindo.

DEVANOR (FQ)

Quem taí?

Dante puxa René com força. Eles abandonam a barranca e se esgueiram rapidamente para trás de uma vegetação próxima. Escondem-se. Um vulto, com uma lanterna, aproxima-se e examina a barranca, de cima, por algum tempo. Depois volta para o abrigo. René e Dante cautelosamente voltam para o sítio dos fósseis. Em silêncio, enchem as mochilas com os ossos e disfarçam os vestígios da escavação da melhor maneira possível. Levando mais alguns fósseis nas mãos, voltam para o carro.

#### **CENA 62 MOTEL NA ESTRADA - EXTERIOR - NOITE**

O carro estaciona na frente de um motel na beira da estrada.

#### **CENA 63 MOTEL NA ESTRADA / QUARTO - INTERIOR - NOITE**

René e Dante limpam e examinam as peças. Há ossos humanos e de um smilodon, além da pedra lascada. René não consegue esconder sua excitação pelo que acharam e faz várias anotações no seu caderno.

RENÉ

Eu nunca vi nada parecido, Dante. É... *(hesita)* É um absurdo esses fósseis estarem naquele barranco. Não tem sentido. Na verdade, não tem lógica nenhuma. O terreno não combina, é arenoso demais. *(pausa; segura um dos fósseis)* Mas eles estavam lá.

René vai colocando alguns fragmentos de ossos lado a lado.

RENÉ

Eu tenho quase certeza que são ossos de mais de uma pessoa. Pelo menos duas. Uma maior que a outra. Talvez um homem e uma mulher. *(pausa)* Você sabe o que isso significa? Os tigres de dentes de sabre estão extintos há onze mil anos. Os ossos humanos devem ter a mesma idade.

DANTE

E isso prova o quê?

RENÉ

Não sei. Antes precisamos fazer as datações. Mas esse material vai servir pra anos de pesquisa. *(pausa)* Nós temos que voltar lá e achar os crânios! E temos que embargar a obra!

DANTE

Eles têm todos os alvarás.

RENÉ

*(séria)* Dante, você não tá entendendo. Essa pode ser uma descoberta muito importante para a pré-história da América do Sul.

Toca o telefone. Dante atende.

DANTE

Sim? (...) Oi, Berenice.

Afasta-se um pouco de René a fala em voz baixa.

DANTE

Eu... Tô na estrada, perto da vila. (...) Motel Minuano.

Coloca o fone no gancho. Olha para René, nervoso.

DANTE

A Berenice, a dona do terreno, quer me ver. Tá vindo pra cá. Ela sabe que alguém esteve na barranca. O cara deve ter contado pra ela.

RENÉ

Você falou pra ela sobre mim?

DANTE

Não.

RENÉ

Então tá tudo bem. Eu vou sair daqui, e você diz que foi lá, mas não achou mais nada. Esconde todos os fósseis. *(pausa)* Ou quem sabe eu levo pro meu quarto? É mais seguro.

**CENA 64 SALA DE RENÉ NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista R1. René continua falando.

RENÉ

Levei os fósseis pro meu quarto e fiquei esperando. Mas a conversa do Dante com essa Berenice foi longa. Na verdade... Acho que eles... Estavam... Você entende?

PAULA (FQ)

Não. Eles estavam o quê?

RENÉ

Eles tiveram uma relação sexual. Eu podia ouvir do meu quarto. As paredes eram muito finas. Quando acordei, no dia seguinte, o Dante tinha ido embora. Resolvi voltar para Porto Alegre. Pensei em solicitar o embargo da obra, mas decidi ir para Los Angeles com os fósseis e fazer a datação o mais rápido possível. Eu pretendia levar o Dante junto, mas aí aconteceu... *(pausa)* Tudo aquilo. Acabei viajando sozinha. A amiga de Dante autorizou que eu levasse os fósseis que eu já tinha comigo e depois ainda consegui voltar ao sítio e achar mais alguns. Foi isso.

PAULA (FQ)

E a senhora nunca mais viu o Dante?

RENÉ

A última vez foi no dia em que aconteceu toda aquela desgraça. Logo depois viajei, fiquei quase dois meses em Los Angeles e depois voltei pro Rio. Aí me disseram que ele tinha enlouquecido.

PAULA (FQ)

Quem disse para a senhora que ele enlouqueceu?

RENÉ

O pai dele. Mas também falei com um médico, Dr. Fischer, se não me engano. Ele disse que o Dante

era psicótico, que tinha alucinações, delirava, e que eu provavelmente nem conseguiria falar com ele.

PAULA (FQ)

Notei que no seu livro a senhora se refere à Berenice, agradece a ela por ter permitido o exame do terreno. Mas não há referência ao Dante.

RENÉ

*(irritada)* Ele foi um intermediário. Não descobriu os fósseis, nem participou dos estudos. O que a senhora acha que eu deveria ter feito?

PAULA (FQ)

Ele era arqueólogo, levou o dente para a senhora examinar. Ele não deveria ter algum crédito?

RENÉ

Não. Do ponto de vista científico, ele não fez nada.

PAULA (FQ)

Eu estou falando do ponto de vista humano.

RENÉ

*(irritada)* O que a senhora quer dizer com isso?  
*(pausa)* Do ponto de vista humano... Eu mal o conhecia.

A imagem congela.

#### **CENA 65 HOSPITAL SÃO PEDRO / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante olha a imagem congelada de René no computador portátil de Paula. Também parece estar congelado. Paula observa-o atentamente. De repente, Dante pega o computador, fecha a tampa e começa a caminhar com ele para longe de Paula, que o segue, preocupada.

PAULA

Dante, por favor, devolve.

Dante pára, perto de um dos buracos que cavou no gramado e se agacha. Coloca, com cuidado, o computador dentro do buraco. Paula senta-se ao lado dele. Dante pega a pazinha amarela, vai colocar terra por cima do computador, mas Paula segura sua mão com suavidade e o impede. Dante olha para Paula antes de falar.

DANTE  
Mentira.

Paula está emocionada (*afinal, ele finalmente falou*), mas procura manter a calma. Paula tira o computador do buraco e abre a tampa. Volta a imagem do final da entrevista de René. Dante acaricia a imagem com cuidado. De repente, afasta a mão. Aponta para a imagem.

DANTE  
Mentira!

Dante levanta-se. Está agitado.

DANTE  
Mentira!

Paula também se levanta. Dante joga-se na direção de Paula e a abraça com força. Ela, mesmo um pouco assustada, corresponde e também o abraça.

PAULA  
Calma, Dante.

DANTE  
(*mais baixo*) Mentira! Mentira!

Dante desfaz o abraço e pega com violência o avental de Paula, que se rasga. Dante começa a puxar a blusa da médica, que se defende do jeito que pode. Estevão, a uns trinta metros dali, percebe o ataque.

ESTEVÃO  
Doutora!

Estevão começa a correr. Dante consegue jogar Paula no chão. Arranca a blusa e o sutiã dela. Observa os seios, fascinado. Estevão chega e joga-se sobre Dante, que tenta reagir. **OUTROS DOIS ENFERMEIROS** também chegam. Paula cobre-se. Finalmente conseguem dominar Dante, que aponta para o computador e grita:

DANTE  
Mentira!

#### **CENA 66 HPSP / SALA DO DR. SÉRGIO - INTERIOR - DIA**

Paula está se recompondo, sob o olhar atento de Estevão. O Dr. Sérgio chega, preocupado.

SÉRGIO  
Ele te machucou?

PAULA  
Não. Eu tô bem.

SÉRGIO  
(para Estevão) Pode sair.

Estevão sai.

SÉRGIO  
Eu disse que esse negócio dos vídeos era perigoso.  
Podia ter sido pior.

PAULA  
Mas ele falou comigo.

SÉRGIO  
E depois te atacou. Ninguém sabe como um psicótico  
interpreta uma imagem em vídeo.

PAULA  
Tu não entende? Há quanto tempo ele não falava?

SÉRGIO  
O que ele disse?

PAULA  
Primeiro ele tentou colocar o computador num  
buraco. Depois apontou pra tela e falou "mentira",  
várias vezes, cada vez mais agitado.

SÉRGIO  
Reação paranóide. Ele acha que as imagens são uma  
fantasia, uma mentira que tu tá contando pra ele.  
Daqui pra frente, vai te ver como uma inimiga.

PAULA  
Acho que não. (pensa um pouco) Eu nem sei se ele  
tava me chamando de mentirosa.

Sérgio olha para Paula, surpreso.

PAULA  
Eu acredito nos psicóticos. Muito mais que nos  
lúcidos. Delírio ou não, ele acha que alguém tá  
mentindo. E eu também acho.

**CENA 67 Pousada de Berenice - Interior - Dia**

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice está com roupas diferentes da primeira entrevista.

BERENICE  
(*ar cansado*) Eu já contei...

PAULA (FQ)  
A senhora contou que foi encontrar o Dante no motel, conversou com ele e pediu que ele devolvesse os fósseis que tinha retirado.

BERENICE  
Isso mesmo. Aí ele disse que estava pensando em pedir o embargo das obras. Eu fiquei apavorada. Sabia que o Ciro ia ficar furioso. Eu disse pra ele... Eu fiz o Dante me prometer que ia esquecer tudo aquilo e nos deixar em paz.

PAULA (FQ)  
E ele aceitou.

BERENICE  
É.

PAULA (FQ)  
E aí a senhora saiu.

BERENICE  
Eu saí.

Uma pausa longa. Berenice está nervosa.

PAULA (FQ)  
Eu sei que não foi assim. A senhora teve uma relação sexual com o Dante nessa noite.

Berenice fica surpresa e ainda mais nervosa.

PAULA (FQ)  
Eu preciso saber o que aconteceu. Ninguém vai ver essa fita. Se a senhora quiser, eu desligo a câmera.

Berenice pensa um pouco.

BERENICE  
Desliga, por favor.

A imagem desaparece.

**CENA 68 MOTEL NA ESTRADA - INTERIOR - NOITE**

Berenice entra no quarto, com um curativo na face.

BERENICE

Eu confiei em ti, Dante.

Dante não consegue dizer coisa alguma.

BERENICE

Eu nunca pensei... *(olha em volta)* O Devanor ouviu um barulho, depois viu as pegadas na areia e as marcas dos pneus do carro. Foi avisar o Ciro, mas ele não tava em casa. Deve estar bebendo por aí. Aí pensei: só tu sabia... *(pausa)* Tu nem imagina o que pode acontecer se o Ciro souber que alguém tava roubando...

DANTE

Eu não roubei nada.

Berenice senta na cama, preocupada.

BERENICE

*(em voz baixa)* Ele pode te matar. *(pausa)* E ele pode me matar.

DANTE

É uma descoberta importante...

BERENICE

Ele disse que ninguém mais vai mexer na barranca. A obra não vai parar, Dante. Tu não conhece o Ciro. Se ele souber que eu comecei essa confusão... Nós estamos endividados. O camping tem que estar funcionando no ano que vem.

DANTE

É só mudar um pouco de lugar.

BERENICE

*(fica ainda mais nervosa)* Tenta entender, Dante: ele não vai querer conversar. *(pausa)* Só de te ver naquele dia...

Berenice começa a chorar. Dante aproxima-se dela. Senta ao seu lado na cama. Berenice chora mais alto. Dante a abraça, meio sem-jeito. Berenice o abraça com força.

BERENICE  
Eu não agüento mais.

DANTE  
Não agüenta o quê?

Berenice enxuga os olhos.

BERENICE  
Tu acha que eu sou bonita?

Dante está confuso. Não sabe o que dizer.

DANTE  
Claro que é.

BERENICE  
(*volta a chorar*) Eu não me acho mais bonita. Eu não sei mais pra que serve ser bonita. Ontem ele disse que eu estou feia. Eu estava dormindo e ele me pegou. Eu tentei me soltar, mas ele me segurou. Então ele disse que eu era bonita, mas agora sou feia. Ele disse que não quer mais olhar pra mim. Ele disse que só bebendo muito pra olhar pra mim.

DANTE  
Ele te bateu?

Berenice tira a parte de cima do vestido, ficando de sutiã. Há outro curativo num dos ombros. Dante desvia os olhos.

BERENICE  
Tu não quer olhar pra mim? (*pausa*) Olha pra mim.

Dante volta a olhar pra ela.

BERENICE  
Quando a gente era criança, tu sempre olhava pra mim de um jeito... Eu pensei que tu gostava de mim.

Berenice começa a tirar o resto da roupa. Dante não faz gesto algum. Berenice pega a mão de Dante e faz com que ele a toque no seio.

BERENICE  
Eu tô sozinha...

Depois, lentamente conduz a mão de Dante pelo seu corpo. Dante fica parado, olhando para ela fixamente. Berenice beija Dante, que aos poucos corresponde.

BERENICE

Faz de conta que tu ainda me quer. Por favor. Diz que me quer.

Dante hesita.

BERENICE

Diz.

DANTE

Eu te quero.

BERENICE

*(meio chorando, meio sorrindo)* Eu também te quero.

Berenice deita em cima de Dante. Os dois transam suavemente, com Berenice sempre tomando a iniciativa e guiando as ações.

#### **CENA 69 MOTEL NA ESTRADA / QUARTO - INTERIOR - NOITE**

Berenice começa a vestir-se. Dante, ainda deitado, acompanha os movimentos de Berenice.

BERENICE

*(vestindo-se)* Eu quero que tu me prometa uma coisa. Que vai voltar pra Porto Alegre, assim que amanhecer, e não vai fazer nada que ameace a obra. *(pausa)* Tu promete?

DANTE

Prometo.

Berenice sorri para Dante.

BERENICE

Obrigado. Eu pedi pro Devanor não contar nada pra pro Ciro.

Berenice beija Dante no rosto e caminha na direção da porta. Antes de sair, vira-se para Dante.

BERENICE

Pode ficar com as coisas que tu tirou da barranca, mas esconde bem. Se o Ciro ficar sabendo, não sei o que pode acontecer.

**CENA 70 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Paula entra na sala de contenção, acompanhada de Estevão. Ela leva a sacola do computador a tiracolo. Dante está deitado numa cama, amarrado pelos pulsos e tornozelos. Olha para Paula. Parece tranqüilo. Estevão vai soltando Dante aos poucos, sob o olhar atento de Paula. Quando fica livre, Dante passa a mão na própria boca e levanta-se rapidamente. Estevão dá um passo à frente, colocando-se entre Dante e a médica. Dante busca os olhos de Paula, que sorri, tranqüilizadora.

PAULA  
Tá tudo bem.

Dante aponta para o computador.

DANTE  
Eu quero.

PAULA  
Tu quer ver os vídeos?

Dante sacode a cabeça.

DANTE  
Não. Entrar.

PAULA  
Entrar onde?

Dante aponta para o computador.

PAULA  
Tu não pode entrar no computador, Dante.

DANTE  
Eu quero.

PAULA  
São vídeos. Eu fiz com uma câmera.

DANTE  
Eu quero entrar.

Paula pensa um pouco.

**CENA 71 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Dante olha para a câmera, ainda inseguro. Entrevista D1.

PAULA (FQ)

A Berenice me contou uma coisa muito importante: que vocês ficaram juntos aquela noite, no motel. (pausa) Que transaram. Tu lembra disso?

Dante olha para Berenice, depois para a câmera. Não responde.

PAULA (FQ)

O que tu lembra, Dante?

Dante está confuso.

DANTE

Ela foi embora. Depois... René.

PAULA (FQ)

O que tem a René?

DANTE

Ela veio.

PAULA (FQ)

Onde?

DANTE

No quarto.

**CENA 72 MOTEL NA ESTRADA / QUARTO - INTERIOR - NOITE**

A porta abre devagar. É René. Dante, ainda nu, puxa o lençol para cobrir-se melhor. René faz de conta que não se importa com a nudez de Dante.

RENÉ

Demorou... O que ela queria?

DANTE

Nós temos que voltar pra Porto Alegre. Agora.

RENÉ

Por quê?

DANTE  
Ela tá assustada.

RENÉ  
Dante, você sabe que esses fósseis são importantes.  
Aquela obra tem que ser embargada.

DANTE  
Eu prometi. O marido dela é violento. Pode  
acontecer alguma coisa ruim.

René senta na cama.

RENÉ  
Vocês eram namorados?

DANTE  
Não.

RENÉ  
Você gosta dela?

Dante não responde. René estende o braço e pega um dos  
curativos de Berenice, que estava nas dobras do lençol.

RENÉ  
Pensei que você gostava de mim. (pausa) Parece que  
eu me enganei...

DANTE  
Não. Eu gosto de ti.

RENÉ  
Você tem um jeito estranho de mostrar que gosta de  
alguém.

Dante não sabe o que dizer.

RENÉ  
Você falou de mim pra ela?

DANTE  
Não.

René pensa por algum tempo. Olha para o relógio de pulso.

RENÉ  
Tudo bem, nós vamos embora. E eu não vou pedir o  
embargo da obra. Prometo. Mas antes nós temos que  
fazer uma coisa.

Dante olha para René, preocupado.

**CENA 73 VILA DO TAIM / PROMONTÓRIO / BARRANCAS PERTO DA LAGOA MIRIM - EXTERIOR - NOITE / ALVORECER**

Dante e René aproximam-se cuidadosamente da barranca e começam a escavar. Logo acham fósseis. René faz muitas anotações e desenhos num caderninho. Ela fica especialmente entusiasmada quando encontra o crânio do smilodon. Os ossos são colocados em vários sacos, que Dante transporta com dificuldade para o carro. Entram no carro e começam a voltar. O sol desponta no horizonte.

**CENA 74 ESTRADA DE TERRA - EXTERIOR - ALVORECER**

René está dirigindo, com os olhos brilhando pela excitação da descoberta. Numa curva, aparece um carro no sentido contrário, bem no meio da pista. René é obrigada a frear. Quase batem. Ciro sai de dentro do carro, cambaleante.

CIRO

(*gritando*) Isso é propriedade particular.

Ciro aproxima-se, com dificuldade. Está bêbado.

DANTE

É o marido da Berenice. Vamos embora.

RENÉ

Não dá pra passar.

DANTE

Então volta.

René faz uma manobra rápida, dá uma ré e consegue fazer o retorno. Ciro volta correndo para o seu carro. René dirige rápido. O carro de Ciro vem atrás. Os dois carros logo passam pelo local das obras e seguem adiante. A estrada termina. René segue assim mesmo, aos trancos e barrancos. Ciro tenta segui-la, mas, bêbado, acaba entrando numa macega e apagando o carro. René vai adiante e chega na praia.

**CENA 75 PRAIA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ**

René acelera, consegue passar a areia mais fofa e atingir a areia na beira do mar. O carro segue em alta velocidade por algum tempo. Dante olha para trás.

RENÉ  
Ele está aí atrás?

DANTE  
Não.

René diminui a velocidade e segue até achar um abrigo para o carro, escondendo-o parcialmente. Estaciona e apaga os faróis. René sai do carro.

DANTE  
Onde tu vai?

René abre a porta traseira e pega os fósseis.

RENÉ  
Olhar isso aqui. O cara tava bêbado. Não vai conseguir nos achar.

Dante também sai do carro. René vai colocando-os lado a lado, na areia, como se fosse um quebra-cabeça. Senta na areia e parece "ler" os fósseis. Consulta várias vezes seus desenhos no caderninho. Dante senta ao seu lado.

RENÉ  
Como os ossos ficaram misturados dessa maneira? Eles estavam praticamente empilhados.

DANTE  
Talvez seja um enterro ritual.

RENÉ  
Com um tigre inteiro? Não. Eles teriam usado as presas, ou o crânio. Nunca todo o esqueleto. *(pensa mais um pouco e mostra o crânio do smilodon)* Olha esse crânio. Foi esmagado. Provavelmente por um machado primitivo. *(mostra uma pedra achatada)* Talvez este machado.

René faz de conta que está dando um golpe com a pedra no crânio.

RENÉ

Dante, esses fósseis vão mudar as nossas vidas. São uma descoberta fantástica. Eu vou falar com o dono do terreno, explicar pra ele. Eles podem explorar o sítio arqueológico, ganhar um monte de dinheiro. É só trocar o lugar do camping.

DANTE

Não. A Berenice pediu...

RENÉ

*(olha para Dante, tranqüilizadora)* Vai dar tudo certo.

DANTE

Acho que nós devemos devolver todos os fósseis.

RENÉ

Não acredito que você queira fazer isso. Você é um cientista. Você não sente que está perto de fazer uma descoberta extraordinária? *(hesita um pouco)* Claro... A descoberta é sua, eu apenas ajudei a identificar e...

DANTE

*(cortando)* A descoberta é nossa.

RENÉ

Nossa? *(os olhos brilham, ela hesita)* Estávamos juntos quando achamos os crânios, isso é verdade. *(olha para Dante)* Essa é a decisão mais importante da tua vida. Pensa bem. Se aquele sujeito botar a mão nesses fósseis, vai quebrar tudo, e nós nunca vamos nos perdoar por isso. Nunca.

Dante olha para ela. René levanta-se abruptamente e caminha na direção do mar. Dante vai atrás dela.

DANTE

O que foi?

RENÉ

Eu tô me enganando. Tô imaginando coisas.

DANTE

Imaginando o quê?

RENÉ

Tudo. Você gosta daquela mulher.

DANTE  
Não. Eu goste de ti.

René pára, vira-se e encara Dante.

RENÉ  
E por que não disse isso antes?

DANTE  
Não sei. Tô dizendo agora. *(pausa)* Eu te amo.

RENÉ  
E se eu disser que eu também te amo?

DANTE  
Eu... Acho que não vou acreditar.

RENÉ  
Claro, você acha que eu só estou interessada nos fósseis. *(pausa)* Talvez eu também pensasse assim.

René dá as costas para Dante e volta a afastar-se dele. Dante vai atrás.

DANTE  
Eu não acho nada disso.

RENÉ  
Acha, sim.

Dante tenta tocar no ombro de René, mas ela se esquivava e acelera o passo.

RENÉ  
Não quero mais saber desses teus fósseis. São teus. Teus e daquela mulher.

Dante começa a correr. René, vendo-se perseguida, tenta correr ainda mais rápido, mas Dante vai se aproximando aos poucos. Dante consegue tocar René, mas ela o repele, mudando de rumo. Agora corre na água. Dante atira-se sobre ela. Os dois caem. Dante a abraça. René ainda resiste. Dante a beija, uma, duas, três vezes. René finalmente corresponde. Os dois se beijam. Pouco a pouco, voltam para a praia, completamente molhados. René tira a roupa de Dante, com gestos bruscos. Transam na areia, com René mostrando para Dante o que ele deve fazer.

**CENA 76 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Dante fala. Entrevista D1.

DANTE  
Foi assim.

PAULA (FQ)  
E depois?

**CENA 77 PRAIA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ**

Dante, deitado na areia, parcialmente coberto com suas roupas, acorda. Está sozinho. Vê o carro e volta para ele. René está examinando os fósseis. René olha para ele.

RENÉ  
Acho que eu sei como aconteceu.

**CENA 78 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Dante. Entrevista D1. Dante olha para a câmera, mas continua calado.

PAULA (FQ)  
E então...

DANTE  
Ela contou uma história.

PAULA (FQ)  
Que história?

Dante fica perturbado. Olha para os lados.

DANTE  
Eu não lembro.

PAULA (FQ)  
E depois que ela contou essa história, o que aconteceu?

DANTE  
Nós voltamos.

**CENA 79 ESTRADA - EXTERIOR - DIA**

René dirige. Dante olha para ela, que sorri, feliz. O carro passa pela reserva do Taim. Um bando de flamingos alça vôo bem perto do acostamento. Dante olha para os flamingos e depois para René. René só olha para a estrada à sua frente.

**CENA 80 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Dante fala. Entrevista D1.

DANTE

Quando chegamos em Porto Alegre, ela foi pro hotel, disse que precisava descansar um pouco. Eu fui pra casa. Logo depois, a Berenice apareceu.

**CENA 81 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / QUARTO - INTERIOR - DIA**

Berenice entra no quarto de Dante. Está bem nervosa.

BERENICE

Dante, pelo amor de Deus, o que aconteceu? O Ciro disse que viu um carro com duas pessoas perto das obras.

Dante não responde.

BERENICE

Contou que o carro quase bateu nele e depois fugiu. Ele tava bêbado, mas tem certeza que eram duas pessoas. Tu tem alguma coisa a ver com isso?

DANTE

Não.

Berenice senta. Continua nervosa.

BERENICE

Ele já sabe que eu tô em Porto Alegre. Joga fora tudo que tu pegou. Ele pode te procurar, pode querer se vingar...

DANTE

Se vingar do quê?

BERENICE

De tudo. O porteiro do hotel sabe que entrei no teu

quarto. O Ciro é muito ciumento. *(pausa)* Se ele chegar perto de ti, chama a polícia. Eu tô falando sério. Ele tem uma arma.

O celular da Berenice toca. Ela verifica o número.

BERENICE  
É ele.

Berenice atende, nervosa.

BERENICE  
Não, não tô na mãe. Eu tô... *(hesita)* Tô no shopping. *(ouve por algum tempo)* Não, Ciro. Não é nada disso. *(ouve mais um tempo)* Eu não sei que horas eu vou na mãe... Ciro!

Berenice baixa o celular e olha para Dante. Está bem assustada.

BERENICE  
É melhor tu sair daqui.

#### **CENA 82 HOTEL / RECEPÇÃO - INTERIOR - DIA**

Dante aproxima-se da portaria e pergunta alguma coisa para a recepcionista.

#### **CENA 83 HOTEL / QUARTO - INTERIOR - DIA**

René abre a porta e Dante entra.

DANTE  
A Berenice disse pra sumir com todos os fósseis.

RENÉ  
*(assustada)* Você não contou...

DANTE  
Não. Onde eles estão?

RENÉ  
Levei pra universidade. Eles são frágeis e têm que ser embalados direito. A Laura está ajudando.

DANTE  
O marido da Berenice está aqui em Porto Alegre, numa delegacia. Disse que a propriedade dele foi roubada, e que ele tem um suspeito. *(pausa)* Ele já

sabe o meu nome. Disse pra Berenice que vai me encontrar e recuperar o que é dele. Ele tem uma arma.

René parece não acreditar na gravidade da situação.

RENÉ

Eu fiz umas fotos e mandei pela internet pra Los Angeles. Eles ficaram muito interessados.

DANTE

Tu não me ouviu?

RENÉ

Ouvi. *(pausa)* Eles compararam as fotos com os arquivos da universidade. Precisamos fazer a datação, mas... Eu estou... Nem sei dizer o que estou sentindo. É maravilhoso. Quando eu puder estudar todos os fósseis... *(pausa)* Dante, nós temos que ir embora daqui.

DANTE

Embora pra onde?

RENÉ

Pra Los Angeles. Eu conheço tudo por lá, morei cinco anos. Nunca iriam nos encontrar. Nós levamos os fósseis, e eles guardam tudo, em segredo, eu garanto que...

DANTE

Não posso. Não tenho dinheiro nenhum.

RENÉ

Eu tenho. Pago a passagem e arrumo uma ocupação pra você. Você é arqueólogo, eu conheço...

DANTE

Eu não sou arqueólogo.

RENÉ

Claro que é. Você sabia que aquele dente era importante. Eu tenho os contatos na universidade. Pensa, Dante. É melhor pra todo mundo. Se esse cara é perigoso, se anda armado, pode pegar os fósseis de volta e destruir tudo. Pode dar um tiro em você. Tem alguma coisa que prenda você aqui? Seu pai?

DANTE

Não.

RENÉ  
Então vamos. *(pensa um pouco)* Você tem passaporte?

DANTE  
Não.

Ela olha para Dante, aparentemente preocupada.

RENÉ  
Eu consigo o visto, conheço o pessoal da embaixada.  
Mas eu preciso do passaporte. Tu não tem alguém que  
possa te ajudar?

Dante olha para René.

#### **CENA 84 BAR - INTERIOR - DIA**

Seu Gregório e Dante conversam no balcão. Seu Gregório está bebendo uma cerveja.

SEU GREGÓRIO  
Tem sempre alguém devendo um favor pra alguém na  
polícia. *(pausa)* Onde tu conseguiu o dinheiro pra  
passagem?

DANTE  
Uma bolsa de estudos.

SEU GREGÓRIO  
E a bolsa também paga o passaporte?

DANTE  
Paga.

SEU GREGÓRIO  
E por que a gente não podia se encontrar em casa?

Dante pensa um pouco.

DANTE  
Porque essa é a hora da tua cerveja. Eu sabia que  
tu preferia vir aqui.

Seu Gregório esvazia o copo e olha para o filho.

SEU GREGÓRIO  
Tu tá aprendendo a mentir. Isso é muito bom.

**CENA 85 ESCRITÓRIO DE DESPACHANTE PERTO DA POLÍCIA FEDERAL  
- INTERIOR - DIA**

Numa pequena cabine fotográfica (Polaroid), uma **DESPACHANTE**, 30 anos, faz a foto de Dante para o passaporte. Seu Gregório acompanha o trabalho enquanto preenche um formulário. Dante sai da cabine.

SEU GREGÓRIO

*(para a despachante)* Quanto tempo leva pra revelar?

A despachante sorri. Está abanando o papel com as fotos.

DESPACHANTE

Já estão prontas.

Dante paga as fotos e o formulário. Depois dá algum dinheiro para o pai, que olha o dinheiro, desconfiado.

SEU GREGÓRIO

Me espera aqui. Eu já te chamo.

Seu Gregório dá uma olhada no filho e sai. Quase imediatamente René entra no escritório. Parece nervosa.

RENÉ

Conseguiu?

DANTE

O pai disse que vai arranjar tudo.

RENÉ

*(olha o relógio de pulso)* Não vou poder esperar você. Já comprei as passagens e as malas estão no táxi. Tenho que ir na universidade pegar os fósseis. Eu te espero lá. Depois vamos juntos pro aeroporto. O voo é às nove. Tudo bem?

DANTE

Tudo.

**CENA 86 SALA DA POLÍCIA FEDERAL - INTERIOR - DIA**

Dante está assinando o passaporte. Um **ESCRIVÃO**, 40 anos, acompanha o ato. Seu Gregório, sorridente e orgulhoso do feito, aproveita para contar vantagem.

SEU GREGÓRIO

O meu filho não acreditava que eu ia conseguir. Mas agora ele pode ir pro estrangeiro!

Dante termina de assinar. O escrivão entrega o passaporte para Dante. A porta abre e o delegado **ZANATA**, 50 anos, entra.

SEU GREGÓRIO  
Tudo certo, Zanata. Obrigado.

ZANATA  
(para o escrivão) Já entregou o passaporte?

ESCRIVÃO  
Já.

ZANATA  
(para Seu Gregório) Aconteceu uma coisa estranha quando pedi as informações do seu filho no sistema. Tem uma queixa contra ele.

SEU GREGÓRIO  
Que queixa?

ZANATA  
De roubo. Feita hoje de manhã, na 87 DP.

SEU GREGÓRIO  
Deve ser um engano. Meu filho nunca fez nada errado. Nunca. Nem briga no colégio, nem doença venérea. Nada. (pausa) Acho até que tem uma coisa errada com ele.

Seu Gregório ri, acompanhado por Zanata.

ZANATA  
Deve ser uma coincidência de nomes. Mas eu tive que comunicar o fato pro Vieira. Ele localizou o autor da queixa e os dois estão vindo pra cá.

Seu Gregório olha rapidamente para Dante e sorri para Zanata.

SEU GREGÓRIO  
E tu quer que a gente espere por eles?

ZANATA  
Quero.

SEU GREGÓRIO  
E quer o passaporte de volta?

Zanata pensa um pouco.

ZANATA  
 Não. Podem esperar na minha sala.

SEU GREGÓRIO  
 Já vamos pra lá.

Zanata olha para o escrivão e sai. O escrivão levanta-se e fica olhando para os dois.

SEU GREGÓRIO  
 Eu tenho que ir no banheiro. Ainda é no fundo do corredor?

ESCRIVÃO  
 É.

SEU GREGÓRIO  
 E a porta ainda tranca?

ESCRIVÃO  
*(sorrindo)* De vez em quando.

SEU GREGÓRIO  
*(para Dante)* Então, vem comigo, filho, que talvez eu precise de ajuda.

Os dois saem. O escrivão vai atrás deles.

### **CENA 87 BANHEIRO - INTERIOR - DIA**

Pai e filho entram no banheiro.

SEU GREGÓRIO  
 Que história é essa? Quem é esse cara que tá vindo pra cá?

DANTE  
 É o marido da Berenice.

SEU GREGÓRIO  
 Tu roubou o que dele?

DANTE  
 Nada. *(pausa)* Pai, esse cara é perigoso, anda armado.

SEU GREGÓRIO  
*(entusiasmado)* Já sei. Tu comeu a mulher dele. Tu comeu a Berenice!

Dante não responde.

SEU GREGÓRIO

*(satisfeito)* Eu pensei que tu era um caso perdido. Mas não é! Tu tá despertando pra vida, filho. Presta atenção no que nós vamos fazer.

**CENA 88 CORREDOR NA POLÍCIA FEDERAL, EM FRENTE À PORTA DO BANHEIRO - INTERIOR - DIA**

Seu Gregório sai do banheiro e sorri para o escrivão.

SEU GREGÓRIO

Meu filho vai ter que fazer... Tu sabe... O número dois. E não tem papel higiênico.

O escrivão não se mexe. Olha para Seu Gregório, desconfiado.

SEU GREGÓRIO

Se tu disser onde eu posso encontrar, vou lá num instante.

O escrivão aponta para o outro extremo do corredor.

ESCRIVÃO

Deve ter ali na despensa. Última porta à direita.

SEU GREGÓRIO

Ótimo.

Seu Gregório passa pelo escrivão e caminha na direção apontada. Quando chega na porta, tenta abri-la, mas não consegue. Força a porta, que resiste.

SEU GREGÓRIO

*(em voz bem alta, para o escrivão)* Tá trancada!

ESCRIVÃO

Essa porta nem tem chave.

SEU GREGÓRIO

*(ainda forçando)* Mas não abre.

O escrivão caminha na direção de Gregório, dando as costas para a porta do banheiro. Dante sai, sem fazer barulho, fecha a porta outra vez, anda até o meio do corredor e dali consegue sair para outro cômodo sem ser visto. Quando o

escrivão está quase chegando, Seu Gregório força a porta outra vez e consegue abri-la.

SEU GREGÓRIO

Porra! Finalmente... Tava emperrada!

O escrivão olha para a porta do banheiro enquanto Seu Gregório pega o papel higiênico. Depois voltam juntos para o outro extremo do corredor. Seu Gregório entra no banheiro e volta pouco depois, sorridente.

SEU GREGÓRIO

Ele disse que ainda vai demorar um pouco. Esse menino sempre teve prisão-de-ventre, igualzinho à mãe dele, que Deus a tenha. Eu sempre digo: come ameixa, meu filho, mas ele não me ouve...

Seu Gregório senta no chão e olha para o escrivão.

SEU GREGÓRIO

Acho melhor o senhor sentar também. *(pausa; sorri)*  
A coisa é séria.

#### **CENA 89 RUA PERTO DA POLÍCIA FEDERAL - EXTERIOR - DIA (CREPÚSCULO)**

Dante acena para um táxi e embarca. O táxi arranca. Dante olha para a paisagem. Está tenso. A paisagem começa a se repetir, como se o táxi estivesse sempre passando no mesmo lugar.

#### **CENA 90 HPSP - SALA DE CONTENÇÃO - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista D1. Dante olha para a câmera e não diz nada. Está muito tenso.

PAULA (FQ)

Dante, o que foi?

Dante permanece mudo.

PAULA (FQ)

Se tu quiser, a gente continua depois.

DANTE

*(baixinho)* Depois? *(mais alto)* Tu vai embora!

PAULA

Não. Eu estou aqui.

Dante levanta-se, caminha na direção da câmera.

DANTE  
Tu vai me deixar sozinho.

Estevão entra em quadro, de costas, e pega o braço de Dante, que reage com violência. Outro enfermeiro também entra em quadro. Os dois tentam dominar Dante, que continua gritando.

DANTE  
Tu vai embora! Tu vai embora!

Dante agride Estevão violentamente. Estevão cai. O outro enfermeiro tenta imobilizar Dante. A imagem congela.

#### **CENA 91 HPSP / SALA DO DR.SÉRGIO - INTERIOR - DIA**

O computador de Paula está sobre a mesa do Dr. Sérgio. Ele olha para a tela, que exibe a imagem congelada de Dante em plena crise.

SÉRGIO  
Qual é dose atual de haloperidol?

PAULA  
Eu diminuí um pouco.

SÉRGIO  
Qual é a dose, doutora?

PAULA  
Vinte miligramas por dia.

SÉRGIO  
De cinqüenta pra vinte!

PAULA  
Agora ele é um ser humano outra vez.

SÉRGIO  
Talvez ele seja um ser humano perigoso.

PAULA  
O perigo tá dentro dele, e não fora.

SÉRGIO  
Quem garante?

Paula não sabe o que dizer.

SÉRGIO

E quem garante que essa história é verdadeira? Essa relação sexual na praia parece uma idéia delirante.

PAULA

Se fosse, ele não lembraria.

SÉRGIO

Também pode ser uma mentira.

PAULA

Eu acredito nele.

SÉRGIO

Ele é um psicótico, Paula. Como tu pode acreditar nele?

Paula não tem resposta. Olha para o chão.

SÉRGIO

Pra que revirar esse passado? Talvez seja ruim pro Dante. Talvez a gente nunca saiba o que aconteceu.

Paula volta a encarar Sérgio.

PAULA

Não sei o que aconteceu na praia, mas eu sei o que aconteceu aqui. Temos três testemunhas.

#### **CENA 92 POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Tudo podia ter acontecido de outro jeito. Mas o  
Ciro estava lá.

#### **CENA 93 RUA PERTO DA POLÍCIA FEDERAL - EXTERIOR - DIA (CREPÚSCULO)**

Um carro da polícia está estacionando em frente ao prédio da Polícia Federal. Ciro está no banco de trás. Há **DOIS POLICIAIS** no banco da frente. Dante aparece na calçada e faz sinal para um táxi, que pára. Ciro vê Dante embarcando. O táxi arranca.

CIRO

(para o motorista) É ele. O ladrão!

O carro de polícia arranca atrás do táxi.

**CENA 94 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório continua falando.

SEU GREGÓRIO

Quando o Zanata desligou o telefone, eu sabia que alguma coisa tinha dado errado.

**CENA 95 SALA DA POLÍCIA FEDERAL - INTERIOR - DIA**

Zanata coloca o telefone no gancho e olha para Seu Gregório, preocupado.

ZANATA

O seu filho foi localizado.

**CENA 96 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

Quando o Dante chegou, eu tava terminando de embalar tudo.

**CENA 97 SALA DE LAURA NA UNIVERSIDADE - INTERIOR - NOITE**

Dante entra na sala. Laura está colocando fita crepe em vários pacotes.

LAURA

Oi, Dante. Eu já ia ligar pra René. Ela tá no museu. Pedi pra ela dar uma olhada no nosso sambaqui de mentira.

**CENA 98 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA

O Dante saiu da minha sala e depois... A senhora sabe o que aconteceu depois. Eu ouvi uma sirene, fiquei curiosa...

PAULA (FQ)

Quanto tempo eles ficaram no museu, antes da sirene?

LAURA

Nem cinco minutos.

PAULA (FQ)

E ninguém que estava no museu viu alguma coisa antes da polícia chegar?

LAURA

Não. Eles estavam sozinhos.

#### **CENA 99 MUSEU - INTERIOR - NOITE**

René está em frente à "vitrine" que tenta reproduzir, da maneira mais realista possível, o ambiente do litoral gaúcho na época em que os sambaquis formaram-se. Dante aproxima-se lentamente. Está confuso. Pára. Olha. O cenário é o mesmo em que esteve com René várias vezes: areia, mar, praia. Dá mais um passo em frente.

DANTE

René.

René vira-se para ele. Dante olha para ela, ainda confuso.

#### **CENA 100 POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Como eu não percebi que ele estava apaixonado? Eu fui tão boba...

PAULA (FQ)

Mas tu nem sabia o que tinha acontecido entre os dois.

BERENICE

É... Mas eu podia ter desconfiado.

PAULA (FQ)  
E como tu chegou no museu?

BERENICE  
O Dante simplesmente sumiu. Fui na casa dele, tentei localizar o Seu Gregório... Fiquei desesperada, e aí liguei pro Ciro. Ele me disse que estava chegando no museu. E que ia pegar o Dante.

**CENA 101 APARTAMENTO DE SEU GREGÓRIO / SALA - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório fala.

SEU GREGÓRIO  
Quando nós chegamos, eles ainda não tinham conseguido entrar. O Dante conhecia uma entrada lateral, e a porta principal do museu estava fechada.

**CENA 102 MUSEU / FACHADA - EXTERIOR - NOITE**

Vemos um carro de polícia estacionado em frente ao museu. Ciro, acompanhado dos dois policiais, discute com um **SEGURANÇA** da universidade. Outro carro de polícia estaciona. Zanata, **OUTRO POLICIAL** e Seu Gregório desembarcam e correm na direção da entrada do museu. Surge **OUTRO SEGURANÇA** com uma chave.

**CENA 103 MUSEU - INTERIOR - NOITE**

Os policiais, Zanata, Ciro e Seu Gregório entram no museu. Um dos seguranças vai acendendo as luzes. Eles sobem as escadas até o local em que estão Dante e René: em frente à "vitrine" do sambaqui. Dante não se surpreende com a chegada dos policiais. Pelo contrário, olha toda a movimentação como se não estivesse ali. Está com uma das mãos no bolso. René, tensa, acompanha o diálogo.

CIRO  
(apontando para Dante) É ele.

Zanata pega a sua arma, mas a mantém apontada para o chão.

ZANATA  
(para Dante) Dante Becker!

Dante não reage. Continua parado.

ZANATA

Tira a mão do bolso, por favor.

Dante continua parado, totalmente alheio ao que acontece.  
Zanata olha para Seu Gregório.

SEU GREGÓRIO

Meu filho, obedece.

Nada.

ZANATA

Eu tô perdendo a paciência. Tira a mão do bolso!

Laura junta-se ao grupo, preocupada.

SEU GREGÓRIO

Não precisa nada disso, Zanata. Ele não tem arma nenhuma.

ZANATA

Ele não obedece, porra!

SEU GREGÓRIO

Dante, tira a mão do bolso.

CIRO

Ele tem uma arma. É um filho da puta de um ladrão.  
(para Dante) Cadê as coisas que tu levou do meu terreno?

Berenice está chegando.

BERENICE

Ele não é ladrão.

Zanata percebe a chegada das duas mulheres.

ZANATA

Quem é a senhora?

BERENICE

Eu sou a proprietária do terreno.

CIRO

A propriedade também é minha! Ele roubou! (para Zanata) Tu não vai prender esse ladrão?

ZANATA

*(para Ciro)* O senhor, fique quieto! *(para Dante)* Eu vou pedir pela última vez. Tira a mão do bolso.

Dante finalmente começa a mexer sua mão. Tira do bolso um saco plástico.

ZANATA

O que tem aí dentro?

Dante tira a presa de smilodon do plástico.

GREGÓRIO

Eu disse. É só um pedaço de osso velho. Foi um mal-entendido. *(aponta para Berenice)* Ela é amiga do meu filho desde que eles eram crianças.

Zanata guarda sua arma.

CIRO

Ele tá segurando a prova do roubo.

BERENICE

Ele não roubou nada. Eu dei esse osso pra ele.

Zanata olha para Ciro, aborrecido.

CIRO

*(irritado, para Berenice)* Cala a boca!

BERENICE

*(para Zanata)* O meu marido não sabe o que aconteceu. Eu pedi para o Dante avaliar esse osso que eu achei nas obras. Não houve roubo nenhum. *(pausa)* As terras estão no meu nome.

Ciro olha para Berenice como se quisesse matá-la.

CIRO

*(baixinho)* Sua puta!

Zanata olha para Ciro e percebe que ele está transtornado.

ZANATA

O senhor vai ter que se entender com a sua esposa. Se ela entregou o material, não houve roubo nenhum. *(para os outros policiais)* Tem mais alguma acusação?

Os policiais não se manifestam.

ZANATA

(para Seu Gregório) Acho que foi mesmo um mal-entendido.

Ciro saca uma arma.

CIRO

(para Dante) Tu não vai sair dessa.

Zanata volta a sacar sua arma. Os outros policiais também sacam.

ZANATA

Abaixa essa arma.

CIRO

(para Dante) Confessa, filho da puta, confessa tudo que tu fez com a minha mulher.

Dante parece "acordar" depois de ouvir Ciro e olha para ele.

CIRO

Fala, desgraçado!

ZANATA

Não vou avisar de novo. Abaixa essa arma.

CIRO

Só depois que ele confessar. (para Dante) Confessa!

BERENICE

Ele não tem nada pra confessar.

Ciro vira-se para Berenice.

CIRO

Cala a boca, sua puta!

ZANATA

Tu tá fazendo uma bobagem muito grande. Abaixa essa arma!

Ciro volta a encarar Dante.

CIRO

Tu roubou a minha propriedade e comeu a minha mulher. Confessa!

Dante, ainda segurando a presa, dá alguns passos na direção de Ciro, que não sabe o que fazer.

SEU GREGÓRIO  
Dante. Pára!

Dante ergue o dente e mostra-o para Ciro.

CIRO  
Seu louco filho da puta...

BERENICE  
Ciro, pelo amor de Deus! Ele não tem culpa. Fui eu!

Ciro vira-se para Berenice.

CIRO  
Então tu vai junto.

Ciro aponta para Berenice, mas, antes que consiga atirar, Dante dá um golpe com a presa no pescoço de Ciro, atingindo-o de raspão. Ciro grita de dor e aponta para Dante, que está parado, imóvel, mas Zanata atira antes, atingindo Ciro no peito. Ciro ainda tenta reagir, mas os outros policiais também atiram. Ciro está morto. Dante olha para Berenice e depois para René.

DANTE  
Eu confesso.

A presa cai da sua mão. Dante desaba ao lado da presa.

#### **CENA 104 CASA DA PROFA. LAURA / SALA - INTERIOR - NOITE**

Vídeo amador. Entrevista L1. Laura continua falando.

LAURA  
Eu achei que ele tava ferido... Mas não. Não tava.  
Ele só tinha apagado.

#### **CENA 105 APARTAMENTO FAMÍLIA BECKER / SALA - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista G1. Seu Gregório fala.

SEU GREGÓRIO  
Quando era pequeno, estava sempre com a mãe, eu mal conseguia brincar com ele. Ele cresceu, e a gente nunca conversava. Aí, quando eu me aposentei, pensei: vou recuperar o tempo perdido, vou conhecer

meu filho. Mas não consegui. (pausa) É triste isso, sabe? Um pai que não consegue falar com o filho.

#### **CENA 106 POUSADA DE BERENICE - INTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Entrevista B2. Berenice fala para a câmera.

BERENICE

Se eu tivesse imaginado que tudo isso iria acontecer, teria jogado aquele osso fora. (pausa) Mas eu imaginei tanta coisa quando vi o Dante na TV. Tanta coisa boa... (pausa) A gente devia ter um botão na nossa cabeça que desligasse a imaginação, assim como a gente desliga a imagem da TV. Mas a gente não tem. (pausa) A gente tem que viver com isso sempre funcionando.

A imagem congela.

#### **CENA 107 SALA DE AULA - INTERIOR - DIA**

A imagem congelada de Berenice, originada de um projetor, está na tela de uma sala de aula universitária, que abriga uma banca de avaliação composta por **TRÊS PROFESSORES**. O ambiente está na penumbra. O dr. Sérgio, sentado mais ao fundo, assiste à defesa. Paula, bem na frente, faz sua exposição.

PAULA

A comunicação com o paciente ficou bem mais difícil depois da sua última crise. A medicação voltou ao nível anterior (olha para Paulo), e não houve mais agressões. O paciente está melancólico, e sua única atividade cotidiana é fazer buracos no jardim. Interrompemos todas as atividades relacionadas com vídeo. Mesmo assim, dois meses atrás, ele apresentou outra vez um quadro de delírio. Eu fiz uma rápida edição.

Paula aciona o DVD.

#### **CENA 108 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Vídeo amador. Câmera meio tremida. Vemos Dante repetir os mesmos gestos da cena 6. No começo, está Dante agachado, olhando para a cadeira.

PAULA (OFF)

Como os senhores podem ver, o padrão das ações que eu relatei se repete.

Dante percebe alguma coisa ameaçadora, levanta-se e olha para a frente.

PAULA (OFF)

Não sabemos do que ele tem medo.

Dante transa com a cadeira.

PAULA (OFF)

De volta ao seu lugar, ele tem uma relação sexual com a cadeira.

Dante olha para alguma coisa apavorante e depois se atira para trás. Deitado, debate-se freneticamente. Depois consegue levantar-se e dar um golpe em alguma coisa. Volta a cair e fica imóvel. A câmera aproxima-se. Dante está como morto: olhos fechados e respiração imperceptível.

PAULA (OFF)

Essa relação é interrompida por alguma coisa muito poderosa e assustadora. Depois de uma luta violenta, Dante morre. Nesse dia, ele ficou mais de uma hora nessa posição.

Dante levanta-se e começa a cavar.

PAULA (OFF)

E depois voltou a cavar.

A imagem congela.

#### **CENA 109 SALA DE AULA - INTERIOR - DIA**

A imagem congelada de Dante cavando está no telão. Continua a exposição de Paula.

PAULA

Mas tem alguma coisa que não fecha, que ficou pra trás, e a tentativa relacionar esse padrão de ações com a vida psíquica do paciente não é conclusiva.

#### **CENA 110 MUSEU - INTERIOR - NOITE**

Uma porta se abre num ambiente totalmente escuro. Vemos uma silhueta feminina entrando no ambiente. Acende-se a luz. Vemos algumas ossadas de animais em primeiro plano: uma

preguiça, parte de um mamute e um tigre de dentes de sabre (smilodon). René aproxima-se desta última ossada e olha para ela.

PAULA (OFF)

O mais provável é que nunca saberemos o que significam essas ações. Mas suponho que, se a investigação prosseguisse, e se conseguíssemos juntar mais algumas peças, poderíamos ao menos chegar mais perto de um sentido.

#### **CENA 111 PRAIA - EXTERIOR - ALVORECER / MANHÃ**

Dante, deitado na areia, parcialmente coberto com suas roupas, acorda. Está sozinho. Vê o carro e volta para ele. René está examinando os fósseis. René olha para ele.

RENÉ

Acho que eu sei como aconteceu.

Dante olha para ela, curioso.

RENÉ

Você tem que imaginar esse lugar há uns onze mil anos.

#### **CENA 112 PROMONTÓRIO PERTO DE LAGOA MIRIM - EXTERIOR - DIA / CREPÚSCULO (11 mil anos antes do presente)**

Uma fogueira arde no fim do dia. Sua luz mistura-se à do sol poente, que começa a desaparecer nas águas escuras de uma lagoa próxima, tão grande que parece o mar. Uma mão suja, com dedos meio tortos e unhas negras, coloca um rudimentar espeto de madeira sobre as labaredas. O espeto sustenta a carcaça de um pequeno animal, grosseiramente eviscerado. Um **HOMEM** e uma **MULHER**, jovens, magros, quase nus, estão sentados em volta do fogo, que arde sobre um terreno dominado por vegetação pobre e rasteira. Algumas árvores nas cercanias, baixas e raquíticas, fornecem alguma proteção contra o vento. A poucos metros da fogueira, um barranco de mais de dez metros separa o promontório onde está o casal pré-histórico de uma grande praia deserta. O barulho das ondas, mesmo que distantes, rivaliza com o crepitar da madeira em chamas.

O Homem pega o espeto e começa a retirar a carcaça, sob o olhar esfomeado da Mulher. Repartem a comida e se preparam para comer, mas um ruído faz o Homem largar o assado, pegar um machado primitivo no chão, dar alguns passos à frente e

assumir uma postura de defesa. Ele grita, ameaçador, e depois observa o terreno por algum tempo. Nada acontece. O Homem volta para a fogueira. A Mulher o recebe com alegria. Os dois comem juntos. Saciados, começam a trocar algumas carícias, num ritual que lembra o dos macacos catando piolhos uns nos outros. A fogueira agora está quase extinta. Lentamente, as carícias evoluem para as preliminares de uma relação sexual. Enquanto os dois se divertem, são observados, cada vez mais de perto, por um terceiro personagem. Não sabemos quem ele é, pois temos acesso apenas ao seu ponto de vista. O casal começa a transar. O terceiro personagem aproxima-se sem fazer barulho. A relação sexual chega ao seu clímax.

Ouve-se um rugido terrível. A Mulher vê alguma coisa e grita. O homem também vê, mas é tarde demais. Uma sombra atira-se sobre eles. Ouvimos o som da luta - rugidos, gritos, o entrecchoque de corpos - mas vemos apenas fragmentos confusos do que acontece. Assustados pelo barulho, pássaros levantam vôo sobre as águas da lagoa. O homem, muito ensangüentado, ergue-se, pega o machado de pedra, ergue-o e, soltando um grito selvagem, lança um golpe de cima para baixo. Ouvimos o barulho de ossos quebrados. Os rugidos desaparecem. O homem, depois desse último esforço, desaba.

Vemos, à distância, de um ângulo superior, os corpos do Homem, da Mulher e o de um grande felino, ensangüentados e amontoados uns sobre os outros, perto da fogueira, sob a luz do sol poente. Eles parecem formar uma escultura macabra, em que não há fronteira entre o animal e o humano.

### **CENA 113 MUSEU - INTERIOR - NOITE**

René continua olhando para a ossada do smilodon. Toca a presa com o dedo.

PAULA (OFF)

É claro que a compreensão do significado das ações durante o delírio não traria a cura. O próprio delírio é uma tentativa de cura executada pelo paciente. Mas poderíamos ao menos entender o processo que levou Dante a ser dominado pela imaginação, em vez de dominá-la.

**CENA 114 MUSEU - INTERIOR - NOITE**

René está em frente à "vitrine" do sambaqui. Dante aproxima-se pelas costas dela.

DANTE  
René.

René vira-se para ele. Dante olha para ela. Está confuso. Ela está surpresa.

RENÉ  
Oi, Dante.

Dante bota a mão no bolso da camisa e estende o passaporte, sorriso muito tímido no rosto. René fica surpresa. Esboça um sorriso.

RENÉ  
O que é isso?

DANTE  
O passaporte. Meu pai ajudou.

RENÉ  
E por que você está me mostrando esse passaporte?

DANTE  
A viagem.

RENÉ  
Que viagem?

Dante demora para responder.

DANTE  
Para os Estados Unidos.

RENÉ  
Você pretende ir para os Estados Unidos?

Dante continua com o passaporte estendido. Está cada vez mais confuso.

DANTE  
Nós vamos juntos.

Ouvimos passos.

RENÉ

Dante, não estou entendendo. Você deve estar imaginando coisas.

Dante, semblante inexpressivo, coloca o passaporte no bolso da camisa. René olha para o seu relógio de pulso.

RENÉ

Eu estou atrasada. Você ainda está com aquela presa?

Dante coloca a mão no bolso da calça. O som dos passos fica mais alto.

CIRO (FQ)

É ele.

Dante olha para trás. Está com uma das mãos no bolso.

ZANATA (FQ)

Dante Becker!

Dante não reage. Continua parado.

ZANATA (FQ)

Tira a mão do bolso, por favor.

### **CENA 115 CEMITÉRIO - EXTERIOR - DIA**

O menino das cenas iniciais assiste a um caixão ser baixado numa cova. Está com a mão no bolso. A uma certa distância, a menina também assiste à cerimônia, com a mulher jovem às suas costas. Uma flor amarela é jogada dentro da cova. O menino sai correndo.

SEU GREGÓRIO (FQ)

Dante!

O menino corre muito. Passa por vários túmulos. Muda de direção algumas vezes. De repente está sozinho, nos limites do cemitério. Abaixa-se e começa a cavar com as mãos perto de um muro. Faz um buraco. Tira do bolso o chapéu amarelo que ganhou da menina e coloca-o no buraco. Tapa o chapéu com a terra. Bate no solo com o pé. Sai correndo.

**CENA 116 SALA DE AULA - INTERIOR - DIA**

Paula está encerrando sua apresentação. No telão, a imagem congelada de Dante cavando.

PAULA

Freud escreveu que, ao contrário de uma neurose, a esquizofrenia não tem cura. Mas ele também dizia que o seu objetivo, em muitos casos, era transformar um sofrimento mental quase insuportável em infelicidade comum. É isso que podemos tentar. Não é muito. Talvez seja menos que nada. Mas é o que temos. Obrigada.

Paula olha para Sérgio, que sorri para ela. Ela sorri de volta.

**CENA 117 HPSP / JARDIM - EXTERIOR - DIA**

Dante está cavando, com sua costumeira expressão alienada, nos limites do jardim (perto de um muro). De repente, ergue a cabeça e percebe que Úrsula está nas proximidades, observando-o, com o cachecol (ou lenço) amarelo no pescoço. Dante levanta-se, aproxima-se devagar e, sempre com movimentos delicados, retira o cachecol do pescoço de Úrsula e coloca-o em cima da cabeça da jovem, como se fosse uma chapéu. Olha para Úrsula por um longo tempo. O rosto de Dante, pouco a pouco, vai passando da alienação à tristeza.

FADE-OUT

Créditos finais